

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
ÁREA DO CONHECIMENTO DE HUMANIDADES
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

MILENA ALEKNOVIC

LITERATURA INFANTIL NO COTIDIANO DA EDUCAÇÃO INFANTIL

**CAXIAS DO SUL
2018
MILENA ALEKNOVIC**

LITERATURA INFANTIL NO COTIDIANO DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Trabalho de Conclusão do Curso
apresentado ao Curso de Licenciatura em
Pedagogia, da Universidade de Caxias do
Sul, como requisito parcial para conclusão
do Curso.

Prof^ª. Orientadora: Andréia Morés

CAXIAS DO SUL

2018

MILENA ALEKNOVIC

LITERATURA INFANTIL NO COTIDIANO DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Trabalho de Conclusão do Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Pedagogia, da Universidade de Caxias do Sul, como requisito parcial para conclusão do Curso.

Aprovado em ___ de _____ de 2018.

BANCA EXAMINADORA

Profª Drª Andréia Morés -
Orientadora - Universidade de Caxias do Sul

Profª Drª Cristiane Backes Welter
Coordenadora do Curso de Pedagogia - Universidade de Caxias do Sul

Profª Drª. Flávia Brocchetto Ramos
Professora junto ao curso de Pedagogia e Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Educação/PPGEdu - Universidade de Caxias do Sul

Dedico este trabalho à minha família, que sempre me apoiou ao longo de toda a graduação e também durante a realização deste estudo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, que me iluminou no caminho de mais esta conquista. À minha família, que sempre me apoiou e ajudou durante esta trajetória.

Agradeço, também, a todos os professores que me auxiliaram e contribuíram para a realização deste trabalho, em especial à minha orientadora Andréia Morés pelo carinho, pela atenção e disponibilidade, que foram fundamentais para a construção desta pesquisa.

Agradeço aos professores que participaram da banca desta pesquisa, suas contribuições e seus apontamentos, que são de notória importância para a complementação deste trabalho.

Agradeço, também, a revisora Andreia De Negri, sua dedicação que contribuiu para a correção deste trabalho.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Descrição dos participantes da pesquisa.....	40
Quadro 2 – Importância da literatura infantil em projetos escolares.....	42

SUMÁRIO

RESUMO.....	7
1 INTRODUÇÃO.....	8
2 JUSTIFICATIVA	10
3 LITERATURA INFANTIL: FORMAÇÃO E PRÁTICA DOCENTE	12
3.1 FORMAÇÃO DE PROFESSORES	18
3.2 LITERATURA INFANTIL.....	22
3.3 CONTAÇÃO DE HISTÓRIA	30
4 PERCURSO METODOLÓGICO.....	35
4.1 ESPAÇO EDUCACIONAL E SUJEITOS INVESTIGADOS	36
5 ANÁLISE DOS DADOS: CONTRIBUIÇÕES PROFERIDAS PELOS DOCENTES	40
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
REFERÊNCIAS.....	48
APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – PROFESSORAS E PROFESSORES	50
ANEXO A - CARTA DE ANUÊNCIA	51

RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) está vinculado ao Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade de Caxias do Sul. Este objetiva investigar qual o papel da literatura na formação de professores e suas contribuições na prática docente no cotidiano da Educação Infantil. A metodologia utilizada, baseou-se na abordagem qualitativa, segundo os estudos de Menga Ludke e Marli André (1986) e no estudo de caso referendado por Yin (2015). O estudo permitiu analisar documentos institucionais (Regimento Escolar e Projeto Político Pedagógico (PPP). Posteriormente, realizou-se um questionário com 20 professoras de uma escola de educação infantil do município de Caxias do Sul (RS). Os resultados apontam a ausência da literatura nos documentos institucionais, entretanto é realizado durante o ano um projeto envolvendo a contação de histórias e a literatura infantil. Os documentos apresentam a importância da formação continuada, porém com pouco destaque. Os depoimentos das professoras, comprovam a presença da literatura na realização dos projetos e a maioria aponta que a graduação preparou-as para as práticas. Percebemos como a literatura infantil é fundamental na formação das crianças e como a formação adequada e de qualidade capacita os professores a desenvolverem com ludicidade e criatividade suas práticas.

Palavras-chave: Educação Infantil; Literatura Infantil; Contação de História; Formação de professores.

1 INTRODUÇÃO

Ler, para mim, sempre significou abrir todas as comportas pra entender o mundo através dos olhos dos autores e da vivência das personagens... ler foi sempre maravilha, gostosura, necessidade primeira e básica, prazer insubstituível... E continua, lindamente, sendo exatamente isso! (ABRAMOVICH, 1997, p. 14).

Conforme a epígrafe acima, a literatura infantil pode vir a ser um “prazer insubstituível” que propicia, de uma maneira cativante e envolvente, a construção de muitas aprendizagens as quais influenciam na aquisição de conhecimentos por parte dos alunos, auxiliando-os a se tornarem sujeitos ativos e transformadores da realidade.

Nesse sentido, o período da infância é importante para apresentar a literatura à criança, sendo a prática da contação de histórias fator primordial para cativar e, assim, aproximar a criança dos livros - ou afastá-la. Se esse momento for lúdico e estimular o imaginário da criança, a mesma procurará estar em contato com os livros ao longo da vida, pois encontrou neles um mundo mágico que possibilita que realize viagens no seu imaginário e entre no mundo da fantasia, interagindo e, com ele, aprendendo. Dessa maneira, irá aprimorando e ampliando seus gêneros de leitura com o passar dos anos, buscando novos desafios no âmbito linguístico para serem superados. Em contrapartida, se este momento mostrar-se monótono, a criança poderá criar um bloqueio, afastando-se desse universo.

Contudo, a fim de que haja um bom momento de contação de histórias e exploração adequada da literatura infantil, é importante que os docentes estejam preparados para isso. A formação possibilita refletir em busca de práticas que assegurem a ludicidade, o envolvimento das crianças e, além disso, a reflexão e aprendizagem a partir da literatura infantil e da prática de contação de histórias. Nesse sentido, o contato com documentos acerca da Educação Infantil, como as Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica também é de notória importância, pois o professor conhece o que pode proporcionar aos seus alunos quando planejar as atividades a serem desenvolvidas, sabendo quais os desafios mais adequados a serem propostos em relação à literatura infantil, por ter domínio das características referentes a cada faixa etária dos seus alunos.

Refletindo sobre estas temáticas, nesta etapa de elaboração deste Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em Pedagogia da UCS a presente pesquisa inicia com o seguinte problema: “Qual o papel da literatura na formação de professores e sua relação com a

prática docente no cotidiano da Educação Infantil?”. Depois que definimos o problema a ser estudado, elencamos nossos objetivos. Esta pesquisa tem como objetivo geral: “Investigar e analisar qual o papel da literatura na formação de professores e suas contribuições na prática docente no cotidiano de Educação Infantil”. Em seguida, listamos os objetivos específicos:

- Mapear a presença da literatura infantil nos documentos institucionais (Regimento Escolar e Projeto Pedagógico);
- Analisar a importância da literatura infantil na construção de novos saberes e conhecimentos;
- Refletir acerca da importância da ludicidade na contação de histórias a fim de estimular a criatividade e a imaginação;
- Descrever as contribuições da formação de professores para o cotidiano da educação infantil.

Para prosseguir com a pesquisa, buscamos embasamento teórico em autores que apontavam características históricas da literatura infantil, que são Fanny Abramovich (1997), Nelly Novaes Coelho (2000) e Flávia Brocchetto Ramos (2010), e da Educação Infantil, como Colin Heywood (2004). Enfocando nosso problema de pesquisa, fomos em busca de autores que contemplassem a formação de professores, como Paulo Freire (2000) e Jacques Delors (2006) e a prática de contação de histórias no cotidiano da Educação Infantil. Aprofundando nossas buscas, analisamos as Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica (DCNs).

Em seguida, definimos o caminho metodológico que nos orientou para alcançarmos nossos objetivos, escolhendo por metodologia o estudo de caso proposto por Menga Ludke e Marli André (1986). Nesta etapa, definimos que, em nossa pesquisa, aplicaríamos questionários a professores de uma escola de Educação Infantil do município de Caxias do Sul. O nome da escola e das professoras entrevistadas será mantido em sigilo, por isso utilizaremos pseudônimos com nomes de personagens de histórias infantis. O nome utilizado para designar a escola será Reino das Águas Claras.

Por fim, as considerações finais apontam possibilidades para que a literatura infantil faça cada vez mais parte do cotidiano das crianças da Educação Infantil a partir da compreensão da relevância por parte dos profissionais da educação, tendo em vista o aperfeiçoamento profissional como norte para a valorização e adequação da contação de histórias às escolas.

2 JUSTIFICATIVA

Ao chegar nesta etapa final do curso de graduação, reflito¹ acerca da caminhada e de todos os aprendizados construídos neste percurso acadêmico. A escolha do tema desta monografia, entretanto, iniciou-se muito antes da universidade. Desde pequena, sou encantada pelo mundo dos livros e pelo grande estímulo que meus pais e minha irmã me proporcionaram. A contação de histórias sempre me cativou e os momentos simples e marcantes que minha família propiciou em minha vida tornou-me uma apaixonada pela literatura, refletindo hoje em minha prática em sala de aula.

A contação de histórias foi o fator primordial para que eu amasse os livros. Como fui cativada por este universo, hoje quero ser também uma docente² que cative os alunos para todas as possibilidades e repertórios que a história infantil reserva, proporcionando aprendizados que ao longo deste estudo serão expostos, pois a literatura infantil e, conseqüentemente, a contação de histórias, possui recursos que podem desenvolver aprendizagens nas crianças, auxiliando na sua formação como sujeitos críticos e ativos na sociedade.

Ao me aproximar do campo da Educação Infantil, inicialmente como professora e agora como pesquisadora, escolhi os professores de Educação Infantil para serem os sujeitos investigados, pois, por atuar nessa área, percebo a necessidade de realizar pesquisas com esta temática, pois há demanda de formação continuada. Acompanhar as descobertas e os aprendizados das crianças me fascina e me faz querer ser cada dia mais uma docente melhor para ajudá-los a crescer não apenas intelectualmente, mas também a ser um auxílio na sua formação como sujeitos. E esse querer crescer mais através da formação continuada para oportunizar situações de construção de aprendizagem no espaço em que atuo, na Educação Infantil, me estimulou a definir os professores a serem os sujeitos investigados, pois estes contribuem diretamente para que todo o processo de ensino e aprendizagem aconteça. Logo, se os docentes não possuem didática e não buscam aperfeiçoar seus conhecimentos com a formação continuada, será refletido nos alunos.

A literatura infantil vai além do universo fantástico que é propiciado à criança e de ser um momento de entretenimento para a mesma. Ela possibilita o autoconhecimento no mais íntimo e profundo de suas emoções e sensações e conhecer o outro, conseguindo perceber que

¹ Escrevo em primeira pessoa, pois me referi a minha trajetória de vida.

² Nesse momento de escrita me refiro como docente, pois sou professora em uma Escola de Educação Infantil.

há soluções para suas questões da vida real através das histórias. Isso auxilia o professor a conhecer seus alunos e buscar metodologias que se adequem mais com os mesmos.

Porém, por estarmos perdendo o hábito de contarmos histórias para crianças ou de contarmos de maneira que para elas não se mostrem monótonas e sem aguçar seus imaginários, as mesmas estão crescendo e não percebendo o quanto perdem por não apreciarem uma boa contação ou uma instigante leitura de um clássico da literatura infantil.

Muitas vezes, a falta de preparo e de formação adequada são os fatores influentes para docentes não desenvolverem com didática momentos prazerosos tanto de contação de histórias como de leitura da literatura infantil e, posteriormente, das demais obras. Dessa maneira, tendo um primeiro contato negativo com a literatura infantil, haverá maiores probabilidades de a criança não querer mais ter acesso a ela.

Necessitamos, pois, ir além, buscar mais, conhecer mais, saber mais para que nossa atuação enquanto professores no âmbito da contação de histórias e na inserção das crianças no mundo da literatura infantil seja de tal maneira surpreendente, que estimule o imaginário, a criatividade, o fantástico, o fantasioso, que as façam estar sempre em contato com os livros para manterem essas mesmas emoções e sensações, sejam as mais diversas: ansiedade, curiosidade, amor, raiva, alegria, tristeza, medo. Afinal, trabalhando isso com a ludicidade dos livros, as crianças aprendem a lidar com essas emoções em suas vidas, por toda a vida.

Assim, com o passar dos anos, aquela contação de histórias que cativou a criança por vislumbrar um mundo fantástico, quando ainda não lia, depois, o contato com clássicos da literatura infantil que a levaram viajar por tempos e espaços diferentes, a manterão em suas demais fases da vida em contato com os livros, aprendendo e beneficiando-se com tudo que eles propiciam, com seu amadurecimento linguístico que acontecerá diariamente de acordo com sua idade e nível de leitura.

Por isso, os professores são responsáveis pela construção do presente que refletirá no futuro de nossos alunos, principalmente se atuamos na Educação Infantil, pois, ali estaremos apresentando-lhes o mundo e as riquezas da leitura e nossa postura refletirá em seus futuros como leitores e tudo que com isso enriquecerá. Busquemos desempenhar da melhor maneira possível nossos papéis enquanto docentes, deixando bons exemplos.

3 LITERATURA INFANTIL: FORMAÇÃO E PRÁTICA DOCENTE

De acordo com o já referido anteriormente na introdução, a leitura necessita ser prazerosa; representar momento de descobertas, de fantasia, de imaginação, de criatividade, de pleno desenvolvimento emocional, intelectual e social. Contudo, para que assim o seja, os professores têm como papel fundamental propiciar, desde a Educação Infantil até o Ensino Superior, o estímulo para que este hábito não se perca.

Um livro pode nos maravilhar e, assim, instigar-nos a continuar fascinados e curiosos para descobrir mais do universo fantástico presente nas histórias. Independentemente da idade que tenhamos, demonstra o quão precioso e valioso é esse recurso que, por muitas vezes, não é utilizado na sala de aula.

A aquisição de novos saberes, acréscimo e enriquecimento do vocabulário, desenvolvimento do senso crítico e da capacidade da interpretação são apenas algumas das áreas que são estimuladas e aprimoradas com a leitura. O horizonte de aquisições é muito mais amplo do que imaginamos e cada vez mais se torna vasto, de acordo com nosso amadurecimento e crescimento como leitores.

Para buscarmos amadurecer as leituras, necessitamos ser cativados por esse universo desde a infância, quando ainda não aprendemos a ler, mas somos atraídos pela literatura por meio da contação de histórias. O papel da contação de histórias é de notória importância, pois o processo de leitura começa por ele, ou seja, o futuro leitor será diretamente influenciado pelo modo como ele, na condição de ouvinte, teve acesso às histórias. Desse modo, se o momento de contação foi de “maravilhamento”, de fascinação e apaixonante, o ouvinte está sendo estimulado a tornar-se um leitor assíduo para continuar a ter acesso a essas mesmas emoções e sentimentos. Da mesma maneira, se for um momento monótono, não haverá atração para o universo da leitura e, assim, a probabilidade de não seguir no hábito de leitura será grande.

A leitura poderia ser sempre tida como um prazer, como um momento de alegria, de “pura gostosura” como nos diz a Abramovich (1997). Porém, a literatura infantil está sendo deixada de lado e, assim, todo o futuro do hábito de leitura torna-se comprometido.

Vivemos em uma época em que é muito valorizada a imagem, e perdeu-se um pouco do espaço das palavras escritas. A comunicação nossa está perdendo um recurso fundamental que, por muito tempo, nem todos tiveram acesso: os livros. A respeito disso, Vera Teixeira de Aguiar e Maria da Glória Bordini (1993, p. 9) explicam a importância do livro para a cultura do leitor a seguir:

Registrando a linguagem verbal, através do código escrito, o livro é o documento que conserva a expressão do conteúdo de consciência humana individual e social de modo cumulativo. Ao decifrar-lhe o texto o leitor estabelece elos com as manifestações sócio-culturais que lhe são distantes no tempo e no espaço (AGUIAR; BORDINI, 1993, p. 9).

Vemos, então, como temos infinidade de “documento que conserva a expressão do conteúdo de consciência humana”, que são os livros os quais nos possibilitam viajar para um universo diferente, um tempo e espaço distintos, sem sair de casa, adquirindo novos conhecimentos de culturas com as quais não teríamos acesso presencialmente. Porém, muitas vezes os livros são esquecidos nas estantes e lá permanecem, sem ter vida, pois eles só a têm quando há alguém que os lê.

Uma sociedade capitalista que visa o lucro já não vê necessidade em ocupar-se em realizar funções que não tragam como consequência um ganho econômico. Dessa maneira, a leitura deixou de ser valorizada e, assim, este hábito foi e vem se perdendo com o passar do tempo. A respeito desse problema, Aguiar e Bordini (1993) fazem a seguinte análise crítica, que vem ao encontro do pensamento reflexivo que produz o presente estudo:

Dessa perspectiva, ter-se-ia que circunscrever os problemas de leitura a um segmento determinado da sociedade. No entanto, sabe-se que esses fenômenos ocorrem também em outros escalões sociais, com a mesma intensidade. As causas, porém, são diversas. Não se trata da cisão entre textos e valores representados, ou entre escolas e projetos culturais. Nesse caso, a desvalorização da leitura se relaciona ao fato de que talvez esta, como atividade intelectual, não proporcione acumulação de capital. Essa situação se vincula a própria constituição de regime capitalista, que marginaliza o intelectual, único agente que não gera lucro com os objetivos que produz. O trabalho intelectual só é reconhecido quando reforça os aparatos de dominação daqueles que detém o capital. Mesmo nos casos em que as obras contestam o sistema, pode suceder que este as transforme em mercadorias, anulando seu efeito. Por isso, o leitor de classes elevadas, mesmo imbuído da importância da leitura nos bancos escolares, acaba por abandoná-la gradativamente, à medida que, em sua vida cotidiana, volta-se para atividades que promovem ganhos (AGUIAR; BORDINI, 1993, p. 13).

Assim como as autoras afirmam, por não representar ganho de capital, a leitura é classificada como desnecessária e até mostra-se uma perda de tempo, pois o tempo que uma pessoa dedicaria à leitura pode ser utilizado para atividades que geram capital. É necessário apresentar à sociedade uma nova visão perante o capitalismo que vivenciamos. Mostrar que o dinheiro não garante ter fonte de conhecimento e que, mesmo sendo colocado como fundamental, o dinheiro não pode comprar e garantir boas ações. Que estas poderão ser alcançadas por meio da criticidade e do conhecimento de todos que têm como fonte primordial o universo da leitura.

Todavia, sabemos e conhecemos a notória importância que a leitura traz para o crescimento do sujeito intelectualmente, tornando-o conhecedor e crítico. Então, como os professores podem influenciar no incentivo a essa prática que hoje é vista como desnecessária e até como perda de tempo por uma grande parcela da sociedade? Por isso, os professores têm a missão de ajudar a solucionar essa questão que se coloca cada dia mais na sociedade, procurando novas metodologias que sejam levadas ao ambiente escolar para envolver os alunos a tornarem-se leitores ativos, sendo mostrado a eles o universo literário a que todos têm o direito ao acesso.

Para compreendermos e adentrarmos mais intimamente no tema deste estudo, precisamos conhecer, também, a infância, especificamente a área da Educação Infantil. Com o passar dos anos, a concepção a respeito da criança se diferenciou e isso acarretou influências diretas em sua educação e, conseqüentemente, em seu contato com a literatura infantil. O autor Colin Heywood (2004), em sua obra *Uma história da infância*, realiza um estudo histórico acerca de como as crianças foram vistas em diferentes épocas e lugares. Inicialmente, sendo considerada um ser “imperfeito” e, tempos depois, como “tábula rasa”, folha em branco. A criança, por muito tempo, não foi vista em suas singularidades e particularidades que a diferenciam do adulto e acabaram recebendo o mesmo tratamento.

Com as modificações históricas e os estudos, a educação começa a ser inserida na vida das crianças, porém ainda há diferenciações em relação ao gênero, raça e classe social. As mulheres demoraram maior tempo para ter acesso às escolas, pois a sociedade colocava-as como inferiores, sem ter necessidade de grandes conhecimentos além dos domésticos que lhes eram ou seriam exigidos. As primeiras classes femininas destinaram-se ao ensino e à preparação para a vida de casadas, com filhos e cuidados com a casa. (HEYWOOD, 2004).

Conforme o autor, por muito tempo a infância foi “resultado das expectativas do adulto” (HEYWOOD, 2004, p. 21). Dessa maneira, o adulto projetava e programava o que considerava que gostaria que a criança fosse no futuro, não atendendo às reais necessidades da mesma. Por muitos anos, as crianças tiveram de assumir responsabilidades que deveriam pertencer aos adultos, não vivendo verdadeiramente a infância como fase de desenvolvimento, de descobertas e de prazer, mas sim vivendo como miniadultos. As modificações que se sucederam ao longo da história permitiram que os homens viessem a ter acesso à educação inicialmente, enquanto o processo de alfabetização das mulheres foi mais tardio.

A respeito do modo como as sociedades trataram a infância, Stearns (2006) explica o seguinte:

Todas as sociedades ao longo da história, e a maior parte das famílias, lidaram amplamente com a infância e a criança. Muitas características são padronizadas, independente de tempo e lugar. Sempre e em toda a parte, as crianças precisam receber alguma preparação para o estágio adulto. Necessitam aprender a lidar com determinadas emoções, como raiva ou medo, de forma socialmente aceitável. Sempre e em toda a parte, em vista do longo período de fragilidade na infância da espécie humana, crianças pequenas requerem que se lhes providenciem alimentação e cuidados físicos. As doenças infantis, sua prevenção, assim como os possíveis acidentes são preocupações dos pais desde os tempos mais remotos até os dias de hoje. Algum tipo de socialização para os papéis de gênero é parte inevitável do processo de lidar com a infância, mesmo nos mais igualitários cenários contemporâneos. A lista de características básicas comuns é longa (STEARNS, 2006, p. 11).

Embora o autor afirme que todas as crianças necessitam receber atenção para passarem para a fase adulta, a História relata que em muitas sociedades esse processo se fez de maneira mais dolorosa, pois a criança passava sem alguém que lhe instruisse. As emoções deveriam ser reprimidas e não trabalhadas de maneira a aprender a equilibrá-las, sem serem preparadas para o “estágio adulto”. Com a literatura infantil, vemos como os sentimentos podem ser abordados com as crianças de maneira que as mesmas, com a ajuda dos personagens, aprendam a lidar com suas próprias emoções.

Em âmbito Nacional, o tratamento dado à infância escolarizada também foi um processo lento e não igualitário inicialmente. A esse respeito, as Diretrizes Nacionais de Educação Básica para Educação Infantil (BRASIL, 2013, p. 81) contextualizam que

A construção da identidade das creches e pré-escolas a partir do século XIX em nosso país insere-se no contexto da história das políticas de atendimento à infância, marcado por diferenciações em relação à classe social das crianças. Enquanto para as mais pobres essa história foi caracterizada pela vinculação aos órgãos de assistência social, para as crianças das classes mais abastadas, outro modelo se desenvolveu no diálogo com práticas escolares. Essa vinculação institucional diferenciada refletia uma fragmentação nas concepções sobre educação das crianças em espaços coletivos, compreendendo o cuidar como atividade meramente ligada ao corpo e destinada às crianças mais pobres, e o educar como experiência de promoção intelectual reservada aos filhos dos grupos socialmente privilegiados. Para além dessa especificidade, predominou ainda, por muito tempo, uma política caracterizada pela ausência de investimento público e pela não profissionalização da área.

Essa diferenciação, apontada pelas Diretrizes Nacionais de Educação Básica para Educação Infantil (BRASIL, 2013), em relação ao cuidar e ao educar e destinada a crianças de classes sociais diferentes, mostra-nos o olhar para cada uma delas: a de classe baixa só poderia ser cuidada, pois não havia necessidade de que aprendesse algo, sendo colocada como inferior; a de classe alta deveria ser educada, pois assim estaria sendo preparada para alcançar

altos cargos e tornar-se dominante em relação aos outros. Nesse sentido, a infância era uma preparação para a fase adulta.

Com o passar do tempo, avançamos na busca por direitos para as crianças que passaram a poder vivenciar corretamente a infância, sendo que a Constituição de 1988 e o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), até a atualidade, objetivam garantir direitos às crianças. O artigo 4º, presente no ECA/L8069, afirma ser “dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária”.

Com o tempo, a educação, que se tornou direito de todos, alcança as crianças com a Educação Infantil, fazendo-se presente desde os primeiros meses de vida. Conforme as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (BRASIL, 2013, p. 83), no capítulo sobre Educação Infantil, afirma-se o seguinte:

Do ponto de vista legal, a Educação Infantil é a primeira etapa da educação básica e tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de zero a cinco anos de idade em seus aspectos físico, afetivo, intelectual, linguístico e social, complementando a ação da família e da comunidade (Lei nº 9.394/96, art. 29).

A Educação Infantil vem ao encontro da formação da criança desde os primeiros meses de vida, permitindo que a mesma seja estimulada com atividades lúdicas a ir construindo seus conhecimentos que serão complementados e, até mesmo, modificados conforme os avanços no âmbito escolar.

O mesmo documento apresenta-nos a Educação Infantil como sendo a

Primeira etapa da educação básica, oferecida em creches e pré-escolas, às quais se caracterizam como espaços institucionais não domésticos que constituem estabelecimentos educacionais públicos ou privados que educam e cuidam de crianças de 0 a 5 anos de idade no período diurno, em jornada integral ou parcial, regulados e supervisionados por órgão competente do sistema de ensino e submetidos a controle social (BRASIL, 2010, p. 12).

Esta etapa é fundamental para a formação das crianças. Por isso, é necessário que haja intencionalidade pedagógica em todas as atividades pedagógicas que forem desenvolvidas, pois é um período em que a criança está aprendendo com os seus melhores recursos cognitivos. Pensando no assunto que nesta monografia é abordado, a literatura infantil é um

recurso eficiente para ser utilizado nesta etapa para auxiliar as crianças na compreensão do universo que as cerca.

Para buscarmos metodologias didáticas em nossas práticas como educadores de Educação Infantil, importa conhecermos a faixa etária de nossos alunos. É fundamental que saibamos o que cada idade contempla e quem são os sujeitos com quem trabalharemos. Conforme as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil,

Sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura (BRASIL, 2010, p. 12).

Nesse contexto, a literatura infantil vai sendo inserida e enriquecendo a construção de conhecimentos dos pequenos e a formação dos mesmos como cidadãos críticos, utilizando-se da ludicidade que pode ser explanada com a literatura infantil e com a prática de contação de histórias de maneira a auxiliar nesta construção social e coletiva, oportunizando que se aprenda com a imaginação e a fantasia. No documento *Literatura na Educação Infantil: acervos, espaços e mediações*, é apontado o seguinte:

Os livros de literatura infantil contêm os textos próprios da infância e são reconhecidas as recompensas cognitivas e afetivas que sua leitura traz (Meek, 1988; Hearne, 1992; Colomer, 2002; Solé, 1992). Contamos com bastante informação sobre o tipo de práticas de ensino e situações de aprendizagem que podem ser criadas em torno da leitura desses textos. De especial importância é a construção de diálogos em torno não só do conteúdo do texto, mas também de seus recursos estruturais (formas gráficas e discursivas) (UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS et al., 2014, p. 99).

A rede de diálogos que a literatura infantil permite, desde a Educação Infantil, prepara o sujeito para colocar-se diante de outras situações ao longo de sua vida, aprendendo a ter criticidade e argumentação.

Percebemos que a busca por direitos proporcionou que, hoje, a infância seja valorizada e vista sob um novo olhar, o qual prioriza a busca por educação para todas as crianças. Todavia, ainda há circunstâncias que permanecem em alguns lugares, devido a diversas situações que fazem com que a criança ainda seja tratada como adulto. O professor necessita, então, ter este olhar sobre a infância e assim ser mediador da construção de aprendizagens das crianças.

Portanto, o professor é influenciador na formação do leitor, desde a Educação Infantil, sendo, nesse caso, importante que o mesmo conheça metodologias que lhe apresentem

recursos auxiliares no processo de ensino e de aprendizagem. Essa capacitação do professor começa em sua formação, que se faz necessário que ser contínua, conforme refletiremos no próximo capítulo.

3.1 FORMAÇÃO DE PROFESSORES

No processo de formação do leitor, o professor tem papel importante, e cabe a ele, o profissional mais próximo à criança na escola, ser quem estimula a prática da leitura, tornando-a uma prática proporcionada desde a Educação Infantil.

A esse respeito, Bamberger destaca o seguinte:

Um exame das variações dos hábitos de leitura de uma nação para outra demonstra que o lugar ocupado pelos livros na escala de valores dos responsáveis pela sua promoção é de primeira importância: todas as autoridades do Estado, da comunidade e da escola, todos os professores, pais e pedagogos precisam estar seriamente convencidos da importância da leitura e dos livros para a vida individual, social e cultural, se quiserem contribuir para melhorar a situação. Essa mesma convicção deve ser então transmitida aos que estão aprendendo a ler de modo apropriado a fase do seu desenvolvimento (2000, p. 9).

Essa “convicção” da “importância da leitura e dos livros para a vida” é papel também do professor ao “contribuir para melhorar a situação”. Dessa maneira, os docentes têm a função de estimular este contato com os livros desde cedo, com crianças que ainda não aprenderam a ler, por meio da contação de histórias, pois conhecemos os grandes benefícios que a literatura infantil proporciona às crianças e aos adultos e, também, como a sua ausência influencia em todo o percurso de aprendizagem escolar e na formação do sujeito. O livro é, portanto, um tesouro que temos em nossas mãos, mas que muitas vezes não é apreciado como poderia. Os professores são parceiros nessa tarefa: ensinar as crianças a buscarem os livros como aliados da construção de suas aprendizagens.

Além disso, ler é um direito que os professores deveriam proporcionar aos alunos.

A pesquisa sobre a leitura, um dos ramos mais jovens da ciência, projetou nova luz sobre seu significado, não só em relação às necessidades da sociedade, mas também as do indivíduo. O “direito de ler” significa igualmente o de desenvolver as potencialidades intelectuais e espirituais, o de aprender a progredir (BAMBERGER, 2000, p. 9).

A partir dessa reflexão, verificamos que é necessário ter conhecimento do valor da leitura, do valor da literatura infantil para que o docente consiga estimular os alunos a desenvolverem este hábito e propiciar a eles situações em que possam estar em contato com o

universo simbólico, seja pela leitura ou pela contação, de obras que proporcionem aprendizados, com bons conteúdos, garantindo o desenvolvimento de suas “potencialidades intelectuais e espirituais, o de aprender a progredir”. Contudo, para se concretizar essa prática pedagógica, é fundamental uma boa formação continuada.

O professor tem este papel de direcionar a criança a buscar livros de qualidade; a ensiná-lo a ser crítico desde cedo em suas escolhas quando for à biblioteca da escola para escolher a partir de suas necessidades e do seu gosto pessoal. Por ter tido contato com grandes clássicos, grandes obras, a criança tem a oportunidade de se constituir como leitor, pois busca em novas obras vivenciar sentimentos e emoções que já vivenciou por meio das contações de histórias.

Além de acompanhar, direcionando e mediando os alunos nas escolhas de suas leituras, o professor necessita estar preparado para ajudar o aluno a ser um bom leitor, aproximando-o de obras adequadas às suas habilidades de leitura para que o ato de ler não se torne algo desestimulante, levando o futuro leitor ao abandono do livro. A esse respeito, Bamberger (2000) traz a seguinte informação:

Acreditava-se outrora que os não-leitores simplesmente não haviam descoberto os livros certos, mas os testes modernos de leitura mostram que os não leitores geralmente leem tão mal que deles não se pode esperar que leiam livros e, por conseguinte, o seu interesse pela leitura não tem possibilidade de desenvolver-se. Em suma, muitas crianças e adultos não leem porque acham a leitura demasiado difícil e o acesso aos livros demasiado complicado (BAMBERGER, 2000, p. 19).

Com isso, percebemos o quanto é importante o professor conhecer as necessidades pedagógicas de seus alunos, sabendo quais suas capacidades de interpretação para auxiliá-los no processo de desenvolvimento linguístico, indicando os livros mais adequados ao momento da aprendizagem em que cada aluno se encontra. Assim, aquele aluno que apresenta um pouco mais de dificuldade lerá livros adequados às suas habilidades de leitura, seja em questão de gênero, extensão ou complexidade da linguagem para assim não perder o estímulo diante do desafio da compreensão e interpretação, mas sentir-se desafiado a aprender mais a cada novo livro lido.

Os docentes são fundamentais no preparo das crianças para que estas construam seus próprios conhecimentos por meio das leituras que realizarem, preparando-os para não receberem um conteúdo que é depositado sobre eles, mas a refletirem acerca do mesmo e, a partir disso, construir o seu próprio aprendizado. Para Vasconcellos (2002), é dessa forma que

o sujeito aprende, proporcionando situações de aprendizagem favoráveis ao desenvolvimento das habilidades necessárias, no nosso desta pesquisa, a leitura de literatura. Segundo o autor,

[...] compreende-se que o conhecimento não é transferido ou depositado pelo outro (conforme a concepção tradicional), nem é inventado pelo sujeito (concepção espontaneísta), mas sim construído pelo sujeito na sua relação com o outro e com o mundo. Isto significa que o conteúdo que o professor apresenta precisa ser trabalhado, refletido, reelaborado, pelo aluno, para se constituir em conhecimento dele (VASCONCELLOS, 2002, p. 55).

Notamos que é necessário o professor conhecer o real significado da construção do conhecimento, sabendo que a criança não irá aprender com sua leitura de literatura infantil ou contação de histórias por meio de transferência. É importante saber, também, que a criança, sozinha, muitas vezes não terá condições de organizar suas aprendizagens, mas que o professor, colocando-se como mediador do processo, possibilitará os meios e os recursos para que, a partir de uma reflexão sobre a contação de histórias realizada ou a literatura infantil apresentada, construa suas aprendizagens.

A formação adequada e de qualidade capacita o professor a conhecer metodologias que possam ser desenvolvidas em suas contações de histórias e no estímulo a ler literatura infantil, pois ele aprende que não é apenas a decodificação e ludicidade que provocam a imaginação e a criatividade, mas que há um processo didático e pedagógico que influencia na formação do aluno em cidadão crítico e ativo na sociedade. Sobre a relevância da leitura para o âmbito intelectual, Bamberger (2000) explica o seguinte:

A leitura foi outrora considerada simplesmente um meio de receber uma mensagem importante. Hoje em dia, porém, a pesquisa nesse campo definiu o ato de ler, em si mesmo, como um processo mental em vários níveis, que muito contribui para o desenvolvimento do intelecto. O processo de transformar símbolos gráficos em conceitos intelectuais exige grande atividade do cérebro; durante o processo de armazenamento da leitura coloca-se em funcionamento um número infinito de células cerebrais. A combinação de unidades de pensamento em sentenças e estruturas mais amplas de linguagem constitui, ao mesmo tempo, um processo cognitivo e um processo de linguagem. A contínua repetição desse processo resulta num treinamento cognitivo de qualidade especial. Esse treinamento cognitivo consiste em trazer à mente alguma coisa anteriormente percebida, e em antecipar, tendo por base a compreensão do texto precedente; a repetição aumenta e assegura o esforço intelectual (BAMBERGER, 2000, p. 10).

Conforme Bamberger afirmou, a formação do intelecto e o treinamento do cognitivo estão sendo desenvolvidos durante o ato de ler. A criança passa a compreender para além da mensagem. Aprende significados, conceitos e explicações antes e após a mensagem, coisas que antes passavam despercebidas e dificultavam o processo de interpretação.

Nessa perspectiva, as Diretrizes Nacionais para Educação infantil nos auxiliam no processo de reflexão acerca da formação do professor, que necessita conhecer os eixos do currículo e oportunizar vivências escolares que busquem o seguinte:

Favoreçam a imersão das crianças nas diferentes linguagens e o progressivo domínio por elas de vários gêneros e formas de expressão: gestual, verbal, plástica, dramática e musical;
 Possibilitem às crianças experiências de narrativas, de apreciação e interação com a linguagem oral e escrita, e convívio com diferentes suportes e gêneros textuais orais e escritos;
 Incentivem a curiosidade, a exploração, o encantamento, o questionamento, a indagação e o conhecimento das crianças em relação ao mundo físico e social, ao tempo e à natureza;
 Promovam o relacionamento e a interação das crianças com diversificadas manifestações de música, artes plásticas e gráficas, cinema, fotografia, dança, teatro, poesia e literatura (BRASIL, 2010, p. 25).

Assim, é função do docente oportunizar, desde a Educação Infantil, experiências com a literatura infantil e a prática de contação de histórias de maneira que venha a contribuir para o desenvolvimento da linguagem das crianças e a capacidade de interpretação das várias formas de expressão, por meio de questionamentos e indagações. Quando o docente conhece o que é previsto em sua atuação profissional, seu desempenho no planejamento das atividades contribuirá para o desenvolvimento de competências e habilidades por parte das crianças.

Compreende-se, então, a importância de o docente buscar o aperfeiçoamento frequentemente, não se acomodando com o que sabe, mas lançando-se além, em busca de novos meios para que a sua atuação na escola seja criadora de oportunidades melhores para os alunos. A respeito da acomodação, que por vezes constatamos nas escolas, usamos as palavras de Freire (2000) para expressar nosso pensamento:

O discurso da impossibilidade de mudar o mundo é o discurso de quem, por diferentes razões, aceitou a acomodação, inclusive por lucrar com ela. A acomodação é a expressão da desistência da luta pela mudança. Falta a quem se acomoda, ou em quem se acomoda fraqueja, a capacidade de resistir. É mais fácil a quem deixou de resistir ou a quem sequer foi possível em algum tempo resistir aconchegar-se na mornidão da impossibilidade do que assumir a briga permanente e quase sempre desigual em favor da justiça e da ética (FREIRE, 2000, p. 40).

Ou seja, não se tenha “desistência da luta pela mudança”, mas que se possa lutar pela mudança, saindo do comodismo do pouco que é ofertado, indo ao encontro de novos caminhos, recursos e métodos que sejam auxiliares do processo de ensino e aprendizagem. Dessa maneira, planejando as aulas, unificando a teoria com a prática, os tempos e espaços, o

educador possibilitará um ambiente de reflexão perante o que é apresentado e, assim, os conhecimentos serão construídos tendo significado para os alunos e suas realidades.

A formação, portanto, capacitará o professor em suas metodologias e recursos didáticos na abordagem da literatura infantil, em suas características e especificidades de abordagem didática. Assim, tendo uma formação continuada que instrumentalize o profissional em suas práticas no cotidiano da Educação Infantil, a literatura infantil propiciará que o professor conheça melhor seus alunos e que eles aprimorem seus conhecimentos de si e do mundo.

3.2 LITERATURA INFANTIL

Os leitores constituem-se nos primeiros anos de vida; assim, a infância é o período adequado para cativar as crianças para o mundo da leitura, apresentando-lhes todas as oportunidades que o universo dos livros lhes proporciona. A literatura infantil passará a acompanhar o pequeno leitor que, com o passar do tempo, vai aprimorando suas escolhas de leituras, que só serão possíveis se o mesmo tiver se encantado pelo mundo fantástico que lhe foi proporcionado e instigada para permanecer na busca de outros livros que continuem a surpreendê-lo.

A literatura, inicialmente com a oralidade, a contação de histórias, acompanha a humanidade há milênios. Os sujeitos sempre necessitaram fabular para interagir, significar e compreender a realidade e para desenvolverem o autoconhecimento, conforme nos explica Ramos (2010) a seguir:

A Literatura, desde Aristóteles, um filósofo mais velho do que Jesus Cristo, é definida como a arte construída pela palavra e, com o tempo, esta palavra tende a estar escrita. No entanto, entendemos que ela pode se manifestar também através da oralidade. Desse modo, pertencem à literatura textos orais e escritos que contam ações humanas que aconteceram, mas sempre inventando um pouco, ou ações totalmente inventadas, a partir de algum elemento (da realidade). Assim, quando a vizinha conta um fato que ocorreu com seu marido, distorcendo-o um pouco, o relato tem alguns elementos de Literatura, pois representa uma ação humana e contém traços de invenção (RAMOS, 2010, p. 19).

Seguindo esse pensamento da autora, constatamos que a Literatura está presente há muitos anos na sociedade e que ela acontece de maneira simples, apresentando fatos do cotidiano. Sendo contada oralmente desde a antiguidade, notamos a necessidade da contação das obras de literatura infantil, pois elas permitiam que os não leitores se inteirassem das obras e, conseqüentemente, tivessem o prazer da descoberta das maravilhosas obras literárias.

A literatura infantil passou por muitas mudanças e transformações ao longo de sua história, desde o final do século XVII, quando os primeiros livros para crianças passaram a ser produzidos. Richter (1977, p. 27) explica como a criança era vista:

Na sociedade antiga, não havia a “infância”: nenhum espaço separado do mundo adulto. As crianças trabalhavam e viviam juntos com os adultos, testemunhavam os processos naturais da existência (nascimento, doença, morte), participavam junto deles da vida pública (política), nas festas, guerras, audiências, execuções, etc., tendo assim seu lugar assegurado nas tradições culturais comuns: na narração de histórias, nos cantos, nos jogos. Somente quando a “infância” aparece enquanto instituição econômica e social, surge também a “infância” no âmbito pedagógico-cultural, evitando-se “exigências” que anteriormente eram parte integrante da vida social e, portanto, obviedades.

Até o dado momento, por não existir a “infância” e as crianças serem tratadas como pequenos adultos que iriam tornar-se semelhantes aos demais com o passar dos anos, a literatura que era apresentada para as crianças era a mesma pertencente aos adultos, não percebendo que as obras não condiziam com os mesmos, e possuíam conteúdos inadequados e impróprios para a idade. Segundo Zilberman (2003),

Os primeiros livros para crianças foram produzidos no final do século XVII e durante o século XVIII. Antes disso, não se escrevia para elas, porque não existia a “infância”. Hoje, a afirmação pode surpreender; todavia, a concepção de uma faixa etária diferenciada, com interesses próprios e necessitando de uma formação específica, só aconteceu em meio a idade moderna. A mudança se deveu a outro acontecimento da época: a emergência de uma nova noção de família, centrada não mais em amplas relações de parentesco, mas num núcleo unicelular, preocupado em manter sua privacidade (impedindo a intervenção dos parentes em seus negócios internos) e estimular o afeto entre seus membros (ZILBERMAN, 2003, p. 15).

Essa mudança na noção de família, modificando a forma de enxergar a criança, não mais como um miniadulto, mas como um ser que está passando por uma fase diferente, denominada infância, levou à criação da literatura infantil, considerando que a criança necessita de uma leitura diferente a do adulto, em respeito às características e peculiaridades de sua faixa etária.

Entretanto, as obras produzidas entre os séculos XVII e XVIII tinham fins pedagógicos e buscavam educar a criança para a vida adulta e para a submissão ao adulto, concebido como detentor do poder. Assim, nos explica Bernard Charlot (1979, p. 108-109) o seguinte:

Se a imagem da criança é contraditória, é precisamente porque o adulto e a sociedade nela projetam, ao mesmo tempo, suas aspirações e repulsas. A imagem da criança é, assim, o reflexo do que o adulto e a sociedade pensam de si mesmos. Mas

este reflexo não é ilusão; tende, ao contrário, a tornar-se realidade. Com efeito, a representação da criança assim elaborada transforma-se, pouco a pouco, em realidade da criança. Esta dirige certas exigências ao adulto e a sociedade, em função de suas necessidades essenciais. O adulto e a sociedade respondem de certa maneira a essas exigências: valorizam-nas, aceitam-nas, recusam-nas e as condenam. Assim, reenviam à criança uma imagem de si mesma, do que ela é ou do que deve ser. A criança define-se assim, ela própria, com referência ao que o adulto e a sociedade esperam dela. [...] A criança é, assim, o reflexo do que o adulto e a sociedade querem que ela seja e temem que ela se torne, isto é, do que o adulto e a sociedade querem, eles próprios, ser e temem tornar-se.

Esse “reflexo do que o adulto e a sociedade pensam de si mesmos” (CHARLOT, 1979, p. 108) impossibilitava que a criança fosse diferenciada do adulto e, desse modo, o tratamento dado a ela não apresenta diferenciações. Não a vendo como diferente do adulto, faz com que a criança não viva de acordo com o que sua faixa etária exige, gerando consequências na formação desta criança em adulto posteriormente, pois não se conheceu, mas sim se transformou no que esperavam dela.

Portanto, mesmo tendo sido criado um gênero literário voltado à criança, a literatura infantil possui muitas características do mundo adulto, afastando-se do universo da criança e forçando-a a pertencer ao mundo adulto. Os personagens das histórias são adultos, assim não representam a criança na história, e sim o adulto. Dessa maneira, esta literatura infantil, criada para suprir as necessidades das crianças, busca atingir os objetivos dos adultos no mundo da criança: mostrar-se superior e detentor de todo o poder.

Para haver a leitura, é fundamental que haja pontos de coincidência entre o horizonte do leitor e o do texto. Caso não haja contato entre a proposta do texto e os interesses do leitor, não acontece a leitura. Essa é a causa que geralmente se impõe para a rejeição dos clássicos pelos jovens, os quais não entendem aquelas obras que o professor elege para serem lidas [...] O aluno rejeita esses textos, e o professor só consegue reverter a situação se atuar como mediador no processo de leitura (RAMOS, 2010, p. 25).

Para a criança não há sentido ler uma obra que esteja distante de sua realidade, do concreto que ela conhece. Para ela, não é possível compreender ou interpretar a história, pois o que nela há não faz parte do seu universo e nem permite que ela faça ligações com situações de sua vida. Ela sente-se “fora” da história e, então, nada faz sentido ou acrescenta significado a sua realidade. Portanto, o professor é muito importante neste processo, afinal ele é “mediador no processo de leitura” (RAMOS, 2010, p. 25), conhecendo seus alunos, suas realidades de vida para, assim, encaminhá-los nas leituras e possibilitar um ambiente no qual os aprendizados sejam construídos, pois as vivências dos alunos foram consideradas. Caso houver um distanciamento da realidade do aluno e da leitura que o professor propõe, os

objetivos da aula provavelmente não sejam atingidos e assim não há construção de conhecimento.

A literatura infantil continuou passando por transformações até tornar-se efetiva e verdadeiramente pertencente ao universo da criança. A seguir, apresentamos, por meio de Zilberman (2003), um pouco mais de detalhes acerca da transição que se deu na segunda metade do século XIX:

A utilização de personagens crianças na literatura infantil não tem a mesma idade do gênero. Os primeiros livros escritos para a infância continham contos de fadas, adaptações de obras destinadas a adultos, como Robson Crusó e Viagens de Gulliver, ou ainda narrativas moralizantes, como as de Madame Leprince Beaumont (mais conhecida por um conto que escapa a esta classificação: “A bela e a fera”). A modificação ocorre na segunda metade do século XIX, quando as histórias passam a ser protagonizadas por meninos como Tom Sawyer, meninas como Alice, ou bonecos humanizados, imitando crianças, como Pinóquio. Cresce o número de obras, sendo Alice no país das maravilhas, As aventuras de Huck, Os nenês n’agua, As meninas exemplares, O magico de Oz, Peter Pan alguns representantes mais conhecidos desta categoria. (ZILBERMAN, 2003, p. 72).

Desse modo, a criança passa a enxergar-se na história, a fazer parte da mesma, por meio dos personagens que as representam, que passam por angústias semelhantes às suas e que a auxiliam a enfrentar os problemas da sua realidade de vida com o exemplo dos personagens da ficção. Não há mais um horizonte que separe a criança da leitura de seus livros: ela está no mesmo barco, aprendendo a remar com o personagem para depois ser ela mesma a protagonizar a própria vida no âmbito real.

A linguagem também passa a ser destinada à criança, buscando ser simples e de fácil compreensão, o que antes não lhe era permitido, por estarmos falando de adaptações de obras adultas para o público infantil. Além disso, anteriormente a inadequação do gênero não valorizava a inocência de seus leitores, que tinham conhecimento de fatos pertencentes ao mundo dos adultos. As obras passam, então, a ser criadas para o público infantil, conforme nos esclarece Machado (2002) na sequência:

É que Andersen, diferentemente de Perrault e dos irmãos Grimm, não se limitou a recolher e recontar histórias tradicionais que corriam pela boca do povo, fruto de uma criação secular coletiva e anônima. Ele foi mais além e criou várias histórias novas, seguindo os modelos dos contos tradicionais, mas trazendo a sua marca individual e inconfundível – uma visão poética misturada com profunda melancolia. Assim, seu livro, além de contos de fadas compilados nos países nórdicos, trazia também novidades como O patinho feio, A roupa nova do imperador, Polegarzinha, A pequena sereia, O soldadinho de chumbo, O pinheirinho e tantas outras. Essa possibilidade acendeu a imaginação de outros autores. A partir daí, pela primeira vez, algumas obras começaram a ser criadas especialmente para a leitura infantil, sem intenção didática. Por outro lado, grandes escritores consagrados em outros gêneros também se aventuraram a desafiar os preconceitos e fazer incursões

criativas pelos contos de fadas – como o inglês Oscar Wilde, por exemplo, que nos deu algumas obras-primas como *O rouxinol e a rosa*, *O príncipe feliz* e *O gigante egoísta* (MACHADO, 2002, p. 72).

Nesse contexto, a literatura infantil foi se transformando e aprimorando seus personagens de acordo com a fase literária em que se encontrava. Com o tempo, mais autores buscaram inovar o gênero para o público infantil. Quando o gênero passou a apresentar crianças como personagens das histórias, auxiliou seus leitores, por meio das experiências e vivências da história, a resolverem seus próprios conflitos no mundo real. O desfecho das obras permitia que as crianças aprendessem com os personagens a como lidar com as situações, podendo seguir por duas direções: rumo à autoafirmação, alcançando assim seus objetivos e sonhos ou à aceitação diante da realidade imposta (MACHADO, 2002, p. 72). Verificamos a presença desta confiança em histórias como *O mágico de Oz*, na qual Dorothy enfrenta Oz, que representa o adulto corrupto, e alcança seu objetivo de voltar para casa, este que o tempo todo dependia apenas da própria personagem. A outra direção é da aceitação das regras do mundo, perante a qual a criança, espelhando-se no personagem e na própria história, aceita o que lhe é imposto. Em contrapartida, *A vida do elefante Basílio* demonstra essa aceitação perante a imposição dos acontecimentos ao seu redor.

A leitura e, em especial, a leitura literária, é um campo amplo quando se pensa em desenvolvimento humano, não estando circunscrita a aprendizagens escolares; a exemplo do que afirma Ramos (2010), a literatura ajuda a humanizar o leitor a partir do universo simbólico do qual se origina. Para a autora,

A vivência da Literatura traz inúmeros pontos positivos ao ser humano, não apenas ao aluno. No entanto, sua repercussão não é visível, imediata, e por isso, talvez, vá perdendo espaço na escola. Como diz Morin, o convívio com as artes, e entre elas a literatura, humaniza as pessoas. Ao ler, nos transportamos para espaços não conhecidos, vivemos as emoções que a nossa existência circunscrita a um local e um tempo não nos permitiriam, além de a leitura do texto literário ser uma atividade altamente exigente, pois o leitor precisa mobilizar toda a sua existência para significar o texto. Ou seja, o leitor atua como co-autor do texto. Com a leitura da literatura a gente se alegra, a gente sofre, a gente chora, a gente conhece ao outro e a si mesmo, enfim, a gente vive. Lembro que a arte (e a literatura é uma arte) não tem uma finalidade prática imediata, mas ela ajuda a viver (RAMOS, 2010, p. 100).

Conforme Ramos (2010), podemos refletir e verificar que o papel da literatura excede os conhecimentos linguísticos e interpretativos. Ela oportuniza a capacitação dos seus leitores a aprenderem a lidar com suas próprias emoções por meio do que o livro lhes demonstra e

lhes leva a perceber em si mesmos. Permite que a criança, desde cedo, compreenda que precisa buscar interpretar as suas reações, os seus sentimentos e das demais pessoas.

Nessa perspectiva, a literatura infantil auxilia no processo de formação de sujeitos mais críticos perante a realidade e perante si mesmos. De acordo com Coelho (2000),

Para além do prazer/emoção estéticos, a literatura contemporânea visa alertar ou transformar a consciência crítica, de seu leitor/ receptor.

Na verdade, desde as origens, a literatura aparece ligada a essa função essencial: atuar sobre as mentes, nas quais se decidem as vontades ou ações; e sobre os espíritos, nos quais se expandem as emoções, paixões, desejos, sentimentos de toda a ordem... No encontro com a literatura (ou com a arte em geral), os homens têm a oportunidade de ampliar, transformar ou enriquecer sua própria experiência de vida, em grau de intensidade não igualada por nenhuma outra atividade (COELHO, 2000, p. 29).

Esse “encontro com a literatura” que Coelho (2000, p. 29) enfatiza oportuniza transformações e é importante para a preparação dos alunos para a vida adulta e tudo que com ela vem, principalmente o exercício de apresentar seus pontos de vista, defendendo-os com argumentos sólidos e convincentes. Fanny Abramovich (1997) também argumenta que a criticidade é desenvolvida com as histórias, conforme fragmento a seguir:

Ao ler uma história a criança também desenvolve todo um potencial crítico. A partir daí ela pode pensar, duvidar, se perguntar, questionar... Pode se sentir inquietada, cutucada, querendo saber mais e melhor ou percebendo que se pode mudar de opinião... E isso não sendo feito uma vez ao ano... Mas fazendo parte da rotina escolar, sendo sistematizado, sempre presente – o que não significa trabalhar em cima dum esquema rígido e apenas repetitivo (1997, p. 143).

Assim, a literatura não só é importante para enriquecer o vocabulário, estimular a imaginação, a criatividade, mas é fundamental no processo de construção da criança, no compreender de suas emoções, interpretar suas atitudes, seu temperamento. Ela atua diretamente na formação do sujeito, na construção da personalidade, no tornar-se sujeito crítico e atuante na sociedade, pois, como alguém pode falar sobre os outros, apontar soluções para a sociedade como um todo, se não se conhece? A literatura infantil será a aliada na construção e na formação do cidadão, que, conhecendo a si próprio, em suas mais minuciosas características, poderá, dessa forma, passar a compreender e interpretar o outro, buscando soluções para problemas que envolvam a sociedade. Literatura passa a ser a arma da sociedade.

A literatura ajuda o sujeito a desenvolver o autoconhecimento, deixando vir à tona particularidades suas que até o momento da leitura não lhe eram conhecidas. A literatura infantil permite à criança enxergar a si mesma e prepará-la para a etapa de crescimento e de

passagem para a vida adulta. Sem o acesso à arte, o processo de amadurecimento infantil ocorre de maneira mais lenta e com maiores desafios, os quais poderiam ser solucionados mais rapidamente se a criança exercitasse buscar a resposta dentro de si, da mesma maneira que acontece com Dorothy, que tinha consigo a resposta para sua pergunta o tempo todo.

A fantasia e a imaginação que cativam o leitor para o mundo da história é o que possibilita a interferência direta e/ou indireta dos personagens na vida das crianças. Esse mundo imaginário que as leva a fazer uma viagem sem sair de dentro de casa, podendo tornar-se uma rota de fuga de suas trajetórias por conta das situações adversas pelas quais passam, é o que encanta e estimula a desenvolver a criatividade e auxilia-nos no processo de criticidade como sujeitos pertencentes ao mundo.

A esse respeito, e ainda empregando Dorothy como exemplo, Zilberman nos norteia, explicando o seguinte:

A fantasia é o setor privilegiado pela vivência do livro infantil. De um lado, porque aciona o imaginário do leitor; e, de outro, porque é o cenário no qual o herói resolve seus dilemas pessoais ou sociais. Consequentemente não é a saída que coloca o herói perante o mundo, mas sua volta; o primeiro movimento leva o protagonista ao encontro de si mesmo – esta é sua grande aventura, a qual lhe permitirá enfrentar o contexto circundante, confiando em si ou conformado com sua falta de poder. Em razão disso, a fantasia configura a condição de funcionamento do gênero, pois este impõe um modelo narrativo que se desenvolve à medida que o protagonista abandona o setor familiar e ingressa em horizontes sobrenaturais, voltando depois a posição primeira, agora mais experiente ou sábio. Além disso, desencadeia o modelo de leitura da obra, pois tão somente pela ativação do universo imaginário da criança dá-se sua aceitação e deciframento. Em virtude de tal fato, mesmo lidando com eventos extraordinários, o relato precisa ter algo a dizer ao leitor, fundado na coerência da história e na validade dos conflitos que apresenta fatores indispensáveis para a sua comunicabilidade (ZILBERMAN, 2003, p. 130).

Ou seja, esse mundo fantástico, mesmo tendo personagens que fogem da nossa realidade, como fadas, bruxas, duendes, animais falantes, entre outros, não se afasta da realidade do seu leitor, que muitas vezes enxerga esses seres pertencentes ao mundo fantástico como pessoas concretas. Entre os exemplos, a madrasta má, que pode assemelhar-se a uma bruxa, ou a cativante professora, que pode representar uma fada na vida da criança. Ao “resolver os dilemas”, a história permite que a criança aprenda a lidar com os conflitos presentes no mundo real. Como nos diz Lobato (1956, p. 3), “o mundo da fábula não é realmente nenhum mundo de mentira, pois o que existe na imaginação de milhões e milhões de crianças é tão real como as páginas deste livro”. Assim, importa lembrar-nos que a interpretação de mundo de uma criança difere-se da nossa e nós temos por missão, mesmo não compreendendo muitas vezes, respeitar esse universo mágico e permitir que a criança

aprenda por meio dele, pois um dia fomos as crianças que acreditavam nos seres mágicos das histórias. Afinal, como afirma Machado (2002),

Ler uma narrativa literária (como ninguém precisa ensinar, mas cada leitor vai descobrindo a medida que se desenvolve) é um fenômeno de outra espécie. Muito mais sutil e delicioso. Vai muito além de juntar letras, formar sílabas, compor palavras e frases, decifrar seu significado de acordo com o dicionário. É um transporte para outro universo, onde o leitor se transforma em parte da vida de um outro, e passa a ser alguém que ele não é no mundo cotidiano (MACHADO, 2002, p. 77).

Conforme a autora, com nossas vivências, podemos notar como a literatura, a leitura de uma maneira generalizada, é muito mais que decodificar as letras, mas é a descoberta de um universo novo e fantástico. Esse universo permite aprendermos para trazer essa história para nossa realidade, como também pode tornar-se um universo de fuga, que possibilita uma grande viagem, tornando-se até mesmo um personagem, conforme prossegue Machado (2002) no excerto seguinte:

Essas histórias sempre funcionaram como uma válvula de escape para as aflições da alma infantil e permitiram que as crianças pudessem vivenciar seus problemas psicológicos de modo simbólico, saindo mais felizes dessa experiência. Davam-lhes a certeza de que no final tudo acabava bem e todos iam ser felizes para sempre. Tratam do medo do abandono e da rejeição (como nos dois contos que acabamos de citar ou em O patinho feio), da rivalidade entre irmãos (como em Cinderela ou A Bela e a Fera), da vontade de ocupar o lugar do pai ou da mãe. Refletem os eternos conflitos das crianças com imagens contraditórias que tem dos pais, ora vistos como bons e justos, provedores e protetores (reis, cavaleiros, fadas, gênios), ora temidos como entidades muito mais fortes, mais poderosas, autoritárias e cruéis (gigantes, lobos, dragões, bruxas, madrastas) (MACHADO, 2002, p. 79-80).

A literatura infantil, então, auxilia no processo de desenvolvimento da criança, ensinando-a a lidar com os conflitos da realidade, tendo os clássicos por espelho e, assim, afirmando para elas mesmas que tudo acabará bem no final. Além disso, a literatura é um direito nosso e, nesse sentido, ler é uma forma de reivindicação.

Assim, a minha reivindicação de ler literatura (o que, evidentemente, inclui os clássicos), porque é nosso direito, vem se somar uma determinação de ler porque é uma forma de resistência. Esse patrimônio está sendo acumulado há milênios, está à minha disposição, uma parte é minha e ninguém tasca. E não vou deixar ninguém me engambelar - como diz a letra do forró - nem vir com conversa fiada para eliminar totalmente da minha vida a possibilidade de dedicar um certo tempo e atenção aos livros. De boa qualidade, é evidente, porque já que há tanta coisa atraente no mundo e tão pouco tempo para tudo, não vou desperdiçar minha vida com bobagem.

Direito e resistência são duas boas razões para a gente chegar perto dos clássicos. Mas há mais. Talvez a principal seja o prazer que essa leitura nos dá (MACHADO, 2002, p. 19).

Percebemos, então, que a leitura é de grande relevância social, afinal o que vivenciamos com a leitura ajudará a nos constituir como sujeitos e alunos. A literatura infantil vem ao encontro disso, pois ela está apresentando para a criança o mundo, a realidade, as emoções, as ações, o bem e o mal, o belo e o feio, o certo e o errado e ensinando-a a lidar com posto. Assim, quanto antes a criança estiver em contato com esse universo e com ele aprender, antes estará se preparando para estar no mundo e conviver com as diferenças que nele existem. Dessa maneira, é importante usufruir cada dia mais desse direito para nos formarmos e formarmos outras pessoas para estar com criticidade e respeito na sociedade.

3.3 CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

A literatura infantil deveria estar presente desde os primeiros anos de vida dos sujeitos, permitindo que a criança conheça esse universo fantástico e, com o passar do tempo, avance no conhecimento e na leitura dos gêneros textuais, sem perder o hábito de ler. Mas, para que a criança esteja em contato com a literatura infantil desde os primeiros anos, é necessário que alguém conte as histórias para elas, pois, quando pequeninas, ainda não desenvolveram a capacidade de ler. Neste ponto, então, chegamos ao mundo da contação de histórias que influenciará diretamente na formação das crianças e na sua relação por toda a vida com o universo dos livros.

Ouvir histórias é um momento de gostosura, de prazer, de divertimento dos melhores [...]. É encantamento, maravilhamento, sedução [...]. A história contada é (ou pode ser) ampliadora de referenciais, postura colocada, inquietude provocada, emoção deflagrada, suspense a ser resolvido, torcida desenfreada, saudades sentidas, lembranças ressuscitadas, caminhos novos, apontados, sorriso gargalhado, belezuras desfrutadas e as mil maravilhas mais que a história provoca (ABRAMOVICH, 1997, p. 24).

A contação precisa ser um momento cativante, que faça com que as crianças sintam-se instigadas a quererem ler a história, a quererem saber o que acontecerá depois. Precisa ser um momento mágico literalmente, de forma que a criança não queira que o momento acabe e que, quando acabar, deseje ouvir outra história. Entretanto, o que percebemos em diferentes contextos, incluindo o cenário educacional, é que muitas contações de histórias tornaram-se entediadas por ser o momento em que o professor lê o livro e as crianças precisam ficar quietas. Mas onde foi parar a ludicidade para atrair as crianças para a história, para levá-las ao universo fantástico? Importa melhorar a prática nesse aspecto.

Pode-se questionar qual a necessidade de as crianças escutarem histórias. Ramos (2010) nos apresenta alguns pontos importantes para responder a possíveis indagações acerca do assunto a seguir:

Ouvir histórias com frequência ajuda a criança a controlar sua atenção, a desenvolver a linguagem oral e a ampliar suas experiências e o seu conhecimento de si e do mundo. O contato com a proposta de ficção auxilia o leitor a ser, ser pessoa, pois pode vivenciar histórias diversas daquelas que vive em seu cotidiano e, ao interagir com o ficcional, volta para as ações diárias modificado, amadurecido. Pela leitura, o sujeito vive experiências e insere esses aprendizados em sua vida (2010, p. 89).

Constatamos que o hábito de ouvir histórias extrapola a ideia de entretenimento para a criança e um passatempo para os adultos. Como a autora nos apresenta, quando a criança está escutando uma história, ela está aprendendo a estar com sua atenção na história. Assim, para que a criança sintam-se motivada e instigada a estar prestando atenção na história, a mesma precisa ser atrativa e digna de atenção perante o universo infantil. Ela desenvolve a linguagem oral, conhecendo o som das palavras e descobrindo novas palavras que ampliarão seu vocabulário para a oralidade e, posteriormente, a escrita. Amplia os conhecimentos de mundo do ouvinte, por mostrar-lhe realidades ainda desconhecidas ou que pouco se sabia sobre determinado lugar. Assim, a criança viaja no tempo e no espaço com o simples contar de histórias. Nelas, conhecendo os anseios e angústias dos personagens, a criança aprende a enxergar seus próprios conflitos internos e a buscar soluções, a exemplo dos personagens que elucidam a história.

Importa destacar que há formas clássicas de iniciar certas histórias, que perduram gerações e são muito exploradas nas contações exatamente porque causam efeito e mobilizam a atenção dos ouvintes. A esse respeito, Coelho explica o seguinte:

O ato de contar é referido no corpo da própria fabulação e corresponde a uma voz familiar (a do contador de histórias) que serve de mediador entre a situação narrada e o leitor (“conta-me uma história que...”, “conta-se que...”, “Esopo narrou-nos...”, “essa narração em farsa foi feita”, “era uma vez”, “vamos começar a narrativa”). Esse recurso narrativo é antiquíssimo e serve de “gancho” para prender a atenção dos ouvintes. Não podemos esquecer que essas narrativas nasceram da comunicação oral. Nas adaptações que vêm sendo feitas através dos anos, nota-se que esse recurso oral tem sido bastante explorado, pois é dos que atraem de imediato os leitores (grandes e pequenos) (COELHO, 2000, p. 104-105).

Quando nos tornamos contadores de histórias, é importante que busquemos verdadeiramente assim o ser. Transformarmo-nos a exemplo de Sherazade que em *As mil e uma noites* cativou com sua contação de histórias de tal maneira o sultão que a contação durou mil e uma noites e jamais se esgotou o encantamento que as narrativas proporcionavam.

O universo que criamos durante uma contação de histórias precisa ser tão forte que seja capaz de manter o interesse das crianças do início ao final, sendo que, quando chegar ao fim, as emoções vividas na história sejam tão instigantes e cativantes de maneira que os ouvintes queiram ouvir mais.

A literatura infantil já traz o encantamento em suas fabulosas e emocionantes histórias, mas muitas vezes o contador acaba por “destruir” o universo fantástico ao proporcionar um momento monótono para as crianças. Cada final da história necessita ser um atrativo para um novo começo e não que já o começo monótono atraia um querer por logo terminar.

A literatura infantil, como arte, está muito ligada à nossa realidade. A contação de histórias, em especial, pode despertar o fascínio diante dos acontecimentos que são narrados de maneira que a história proporcione algum significado para as crianças, que elas possam aprender algo novo ou relembrar o que já era conhecido. Ela pode ensinar com ludicidade e fantasia a como lidar com situações da vida, pois o livro torna-se a extensão do universo real da criança para o universo fantástico. Ensinar-lhes que os personagens também enfrentam desafios, semelhantes aos que nós vivenciamos, mas que há um final feliz sempre que buscamos solucionar as questões que a vida nos impõe.

Coelho (2000) explica que a criança responde bem a estímulos que partem de imagens. Nesse sentido, para desenvolvermos um prazeroso momento de contação de histórias, podemos utilizar recursos que auxiliem no processo do fantástico e da narrativa. A autora expõe o seguinte:

As pesquisas, no âmbito da psicanálise ligada à pedagogia, provaram que a linguagem das imagens era um dos mediadores mais eficazes para estabelecer relações de prazer, de descoberta ou de conhecimento entre a criança e o mundo das formas – seres e coisas – que a rodeiam e que ela mal começa a explorar (COELHO, 2000, p. 186).

Com o uso de imagens durante a contação de histórias, é facilitado o processo de compreensão e de interpretação da criança, pois as imagens a ajudarão a visualizar e entender o que as palavras estão querendo lhes dizer. Por isso, quanto menor a idade dos ouvintes, mais imagens o livro deve contemplar para ser mediador no processo de construção de significados das obras. Ainda, as imagens favorecem que a imaginação seja estimulada, viajando no tempo e espaço presente na imagem e na palavra, conforme comenta Abramovich, 1997) na sequência:

Esses livros (feitos para crianças pequenas, mas que podem encantar aos de qualquer idade) são, sobretudo, experiências de olhar... De um olhar múltiplo, pois se vê com

os olhos do autor e do olhador/ leitor, ambos enxergando o mundo e as personagens de modo diferente, conforme percebem esse mundo.

E é tão bom saborear e detectar tanta coisa que nos cerca usando este instrumento nosso tão primeiro, tão denotador de tudo: a visão. Talvez seja um jeito de não formar míopes mentais (ABRAMOVICH, 1997, p. 33).

É de suma importância que os professores selecionem os livros com antecedência e tenham domínio do mesmo, tanto do vocabulário como das imagens, percebendo se eles condizem com a faixa etária a qual será apresentado e se contemplam os objetivos. É necessário buscar nas contações qualidade também nas imagens e não só nas palavras, de maneira que as imagens complementem (ou ampliem) as palavras e vice e versa. Pois, se uma não estiver de acordo com a outra, o ouvinte não conseguirá ter uma interpretação que tenha sentido.

O estímulo que a literatura infantil traz aos seus ouvintes e leitores é muito vasto. Assim como Fanny Abramovich (1997, p. 230) nos diz, “o ouvir histórias pode estimular o desenhar, o musicar, o sair, o ficar, o pensar, o teatrar, o imaginar, o brincar, o ver o livro, o escrever, o querer ouvir de novo (a mesma história ou outra)”. A contação é um grande e importante recurso para estimular muitas áreas o desenvolvimento da criança. Ela vai amadurecendo o ouvinte, fazendo com que ele se encontre preparado para atuar com criticidade na sociedade, sabendo que há o momento para ouvir e o momento para se expressar, momento para pensar e momento de agir, o de ler e o de escrever...

A contação permite uma viagem fantástica no tempo e no espaço e faz com que a criança aprenda sobre diversos assuntos desde cedo, mesmo que ainda não façam parte dos seus conteúdos escolares, como defende Abramovich (1997):

É através duma história que se podem descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outra ética, outra ótica... É ficar sabendo História, Geografia, Filosofia, Política, Sociologia, sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula... Porque, se tiver, deixa de ser literatura, deixa de ser prazer e passa a ser Didática, que é outro departamento (não tão preocupado em abrir as portas da compreensão do mundo). (ABRAMOVICH, 1997, p. 17).

Quando é contada uma história de cavaleiros e princesas, os ouvintes estão conhecendo partes da antiguidade da História. Ao descrever os lugares que nossos heróis passam para chegar até o baú do tesouro, conteúdos da Geografia são abordados. Ao questionar sobre as atitudes dos personagens, o agir com poder, Filosofia, Política e Sociologia são apresentadas a criança. Muitos outros conteúdos vão sendo explorados e,

assim, preparam as crianças para o momento em que conhecerão os nomes de temas e conteúdos aos quais eles já tiveram acesso.

Outro ponto relevante, quando falamos de contação de histórias, é a necessidade de o narrador inteirar-se das narrativas previamente para não ter surpresas no momento da leitura para as crianças. Por isso, o planejamento torna-se tão importante para a prática docente, tendo em vista que ele prepara o professor para a atuação e contempla o aluno com um momento pedagógico de qualidade. De acordo com Abramovich (1997),

[...] quando se vai ler uma história – seja qual for – para a criança, não se pode fazer isso de qualquer jeito, pegando o primeiro volume que se vê na estante... E aí, no decorrer da leitura, demonstrar que não está familiarizado com uma ou outra palavra (ou com várias), empacar ao pronunciar o nome dum determinado personagem ou lugar, mostrar que não percebeu o jeito como o autor construiu suas frases e ir dando as pausas nos lugares errados, fragmentando um parágrafo porque perdeu o folego ou fazendo ponto final quando aquela ideia continuava, deslizando, na página ao lado... (ABRAMOVICH, 1997, p.18-20).

Pelo exposto, é importante procurar obras condizentes com o público ao qual serão apresentadas, neste caso as crianças. Dessa maneira, eleger histórias que utilizem vocabulário adequado ao público infantil e com temas que sejam pertencentes ao universo das crianças, tendo em vista a ludicidade, a ampliação de repertório e, ainda, o autoconhecimento dos pequenos. A contação de histórias, se abordada nessa perspectiva, pode auxiliar o professor a qualificar o seu trabalho docente, tendo em vista o desenvolvimento integral de seus alunos.

Para aprofundarmos estas temáticas, a pesquisa a campo faz-se fundamental para assim unificar a teoria com a prática. Assim, no ambiente de uma escola de educação infantil, as professoras responderam a questionários que contribuiriam para o enriquecimento desta monografia.

4 PERCURSO METODOLÓGICO

A presente investigação contempla a abordagem qualitativa, com ênfase nos estudos de Menga Ludke e Marli André (1986), seguindo as cinco etapas apresentadas no livro *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*:

1. A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento. Segundo os dois autores, a pesquisa qualitativa supõe o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo investigada [...] (1986, p. 11).

Nesse sentido, a pesquisa qualitativa possibilita a aproximação e acolhimento ao campo de investigação, oportunizando um contato direto entre pesquisador e ambiente.

2. Os dados coletados são predominantemente descritivos. O material obtido nessas pesquisas é rico em descrições de pessoas, situações, acontecimentos; inclui transcrições de entrevistas e depoimentos [...] e extratos de vários tipos de documentos. Citações são frequentemente usadas para subsidiar uma afirmação ou esclarecer um ponto de vista [...] (LÜDKE; ANDRÉ, 1989, p. 12).

O processo de construção dos dados acolheu os princípios qualitativos e descritivos, incluindo o estudo dos documentos Regimento Escolar e Projeto Político Pedagógico e a realização de questionários com os docentes. Assim, o movimento de construção e análise dos dados seguem as orientações descritas pelos autores:

3. A preocupação com o processo é muito maior do que com o produto. O interesse do pesquisador ao estudar um determinado problema é verificar como ele se manifesta nas atividades, nos procedimentos e nas interações cotidianas [...]
4. O 'significado' que as pessoas dão às coisas e à sua vida são focos de atenção especial pelo pesquisador. Nesses estudos há sempre uma tentativa de capturar 'a perspectiva dos participantes', isto é, a maneira como os informantes encaram as questões que estão sendo focalizadas [...]
5. A análise dos dados tende a seguir um processo indutivo. [...] O desenvolvimento do estudo aproxima-se a um funil: ao início, as questões de interesses e focos muito amplos, que no final se tornam mais diretos e específicos. A pesquisa qualitativa [...] envolve a obtenção de dados descritivos, obtidos no contato direto do pesquisador com a questão estudada, enfatiza mais o processo do que o produto e se preocupa em retratar a perspectiva dos participantes. (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p. 12-13)

Estas últimas três etapas apresentadas terão enfoque nas descrições dos dados analisados. Desse modo, as autoras Ludke e André (1986, p. 15) reorganizam essas etapas da seguinte maneira:

A primeira fase envolve a seleção e definição de problemas, a escolha do local onde será feito o estudo e o estabelecimento de contatos para a entrada em campo. Nessa etapa inicial também estão incluídas as primeiras observações, com a finalidade de adquirir maior conhecimento sobre o fenômeno e possibilitar a seleção de aspectos que serão mais sistematicamente investigados. [...]

O segundo estágio de pesquisa consiste numa busca mais sistemática daqueles dados que o pesquisador selecionou como os mais importantes para compreender e interpretar o fenômeno estudado [...]

O terceiro estágio da pesquisa etnográfica consiste na explicação da realidade, isto é, na tentativa de encontrar os princípios subjacentes ao fenômeno estudado e de situar as várias descobertas num contexto mais amplo (LUDKE; ANDRÉ, 1986).

De acordo com a abordagem qualitativa acima apresentada, a primeira fase consiste na reflexão sobre o problema que conhecemos indo à busca do local e, assim, especificando o público. Este consiste no momento de análise da realidade do local e público escolhido para assim chegarmos à definição do tema e, conseqüentemente, dos objetivos que visamos com esta investigação.

A pesquisa aconteceu a partir da abordagem qualitativa e do estudo de caso que buscou conhecer a realidade presente no local escolhido para aplicarmos os questionários. Segundo Robert K. Yin (2015):

Como método de pesquisa, o estudo de caso, é usado em muitas situações, para contribuir ao nosso conhecimento dos fenômenos individuais, grupais, organizacionais, sociais, políticos e relacionados. Naturalmente, o estudo de caso é um método de pesquisa comum na psicologia, na sociologia, ciência política, antropologia, assistência social, administração, educação, enfermagem e planejamento comunitário [...].

Seja qual for o campo de interesse, a necessidade diferenciada da pesquisa de estudo de caso surge do desejo de entender fenômenos sociais complexos. Em resumo, um estudo de caso permite que os investigadores foquem um ‘caso’ e retenham uma perspectiva holística e do mundo real [...] (2015, p. 4).

Desta maneira, enfocando em um “caso” para iniciar a investigação e análise, partimos do problema “Qual o papel da literatura na formação de professores e sua relação com a prática docente no cotidiano da Educação Infantil?” e definimos por tema “literatura infantil e a prática da contação de histórias no cotidiano da Educação Infantil”. Nessa etapa, a leitura foi fundamental para conhecer mais especificidades do assunto e assim ser mais minuciosa nas próximas fases da pesquisa.

4.1 ESPAÇO EDUCACIONAL E SUJEITOS INVESTIGADOS

O espaço educacional no qual este trabalho se realizou foi uma escola de Educação Infantil do município de Caxias do Sul. A escola foi fundada em 1994. O regimento escolar

para Educação Infantil de zero até cinco anos e onze meses desta escola (2016) apresenta o objetivo da mesma que é “garantir à criança acesso a processos de apropriação, renovação e articulação de conhecimentos e aprendizagens de diferentes linguagens [...]”.

Dessa maneira, de acordo com o Projeto Político Pedagógico (2016) da escola, o corpo docente tem por missão propiciar momentos de aprendizagem de linguagens diferentes que podem e devem ser instrumentalizadas com a literatura infantil e a contação de histórias, buscando novos recursos para essa prática, abordando com ludicidade os conteúdos de maneira que a aprendizagem seja construída e ganhe significados através do imaginário, do universo fantástico.

Segundo o Regimento Escolar (2016), o corpo docente é “exercido por educadoras e especialistas devidamente habilitados”. Confirmamos a necessidade de suma importância de formação de qualidade e, principalmente, da formação continuada, na qual se busca aprender mais, conhecer novos métodos e instrumentos que venham agregar ao processo de ensino e aprendizagem.

O perfil das educadoras desta escola é diferenciado, sendo notado principalmente em suas idades e no tempo de atuação na Educação Infantil. Há funcionárias que ingressaram recentemente na Educação Infantil e há as que estão há muito tempo nessa área. As idades variam entre 18 anos e 50 anos e o tempo de atuação de 7 meses a 33 anos.

Em termos de concepção de proposta pedagógica, observa-se “a Escola de Educação como um espaço escolar e torna-se um parceiro no ato de educar. Sendo assim, a proposta pedagógica é um documento que identifica a escola e o lugar que esta ocupa dentro do contexto social e cultural. A educação infantil, na nossa visão, não pode tudo, mas pode muito”.

De acordo com o Projeto Político Pedagógico (2016, p 16), a metodologia de ensino apresenta-se como:

Os princípios metodológicos consideram as interações e a brincadeira como eixos norteadores para a organização intencional das práticas pedagógicas a serem vivenciadas pelas crianças, sendo as mesmas, ora estruturadas e dirigidas, ora espontâneas e livres.

A metodologia específica é a de projetos interdisciplinares. Os projetos partem de uma situação problema a ser investigada, onde deve haver a interação professor/criança, criança/criança, levando em consideração a faixa etária e experiências, respeitando sempre a individualidade e o ritmo de aprendizagem de cada criança. É aí que o professor age como mediador, intervém e auxilia para construção e reelaboração do conhecimento.

A Educação Infantil é a base para as outras etapas da educação básica e superior. Dessa maneira, ela necessita alcançar seus objetivos e auxiliar na formação dos alunos cidadãos, críticos e atuantes na sociedade; não se acomodar, mas ir além, conhecendo o passado e o presente, assim, almejando um futuro, que será resultado do que hoje estamos propiciando aos alunos.

Conforme apresentamos anteriormente, foram aplicados questionários às professoras desta escola. Os questionários foram entregues para 25 professoras, sendo respondidos por 20 delas, que tiveram 10 dias para responder. Para preservar a identidade das mesmas, utilizamos pseudônimos de nomes de personagens das histórias de Monteiro Lobato e outras obras da literatura infantil, conforme Quadro 1.

Quadro 1 – Descrição dos participantes da pesquisa

Sujeitos investigados	Idade	Tempo de atuação na Educação Infantil	Faixa etária dos alunos
Pedrinho	32	13 anos	3 a 5 anos
Cuca	37	18 anos	4 meses a 2 anos
Saci Pererê	39	10 anos	4 meses a 1 ano e meio
Burro Falante	22	5 anos	2 a 3 anos
Tio Barnabé	34	14 anos	5 a 6 anos
Visconde de Sabugosa	32	15 anos	2 a 3 anos
Quindim	38	13 anos	2 a 3 anos
Dona Benta	48	33 anos	4 meses a 6 anos
Boneca Emília	34	18 anos	4 a 5 anos
Tia Nastácia	28	11 anos	4 anos
Rabicó	24	6 anos	5 a 6 anos
Narizinho	37	20 anos	1 ano e meio a 2 anos e meio
Pinóquio	49	13 anos	2 a 3 anos
Chapeuzinho Vermelho	28	8 anos	3 a 4
Polegarzinha	30	9 anos	2 a 3
Patinho Feio	41	10 anos	1 a 2 anos
Peter Pan	18	9 meses	3 a 5 anos
Mágico de Oz	31	2 anos	1 ano e meio a 2 anos e meio
Cinderela	35	18 anos	4 a 5 anos
Branca de Neve	23	7 meses	4 a 5 anos

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Notamos que o Regimento escolar e o Projeto Político Pedagógico não apresentam diretamente a literatura infantil, a prática de contação de histórias, e embasam muito

sutilmente a formação dos docentes. Entretanto, todos os anos é proposto que haja a realização de um projeto interdisciplinar envolvendo a literatura infantil e a prática de contação de histórias, aperfeiçoando-se com novas temáticas.

A formação dos professores é sempre incentivada, sendo oportunizados cursos que ocorrem na instituição e também em ambientes externos.

5 ANÁLISE DOS DADOS: CONTRIBUIÇÕES PROFERIDAS PELOS DOCENTES

As contribuições dos docentes, por meio da realização dos questionários, possibilitaram ter uma reflexão acerca do papel da literatura na formação de professores e suas colaborações na prática docente no cotidiano de Educação Infantil.

Quando as docentes foram questionadas sobre o motivo da escolha dessa profissão, as respostas complementavam-se por destacar o “amor” e o “gostar das crianças”, o “carinho com as crianças”. Muitas, também, apontaram que escolheram a profissão por quererem “participar do desenvolvimento das crianças”, do “crescimento dos alunos”. Outras, ainda, apontaram o “sonho de ser professora” e uma delas especificou que sua escolha deveu-se à visão de que “a Educação Infantil é a base da educação”.

Esta etapa que faz parte da formação do sujeito o acompanhará por toda a sua vida, influenciando-o em suas decisões, suas atitudes. A Educação Infantil tem, portanto, este papel primordial de preparar/ensinar a criança a como lidar com as situações de suas vidas e, como vimos neste trabalho, a literatura infantil pode ser um instrumento para auxílio desse processo. O cuidar e o educar são componentes fundamentais, pois o cuidado com amor proporciona um ambiente acolhedor e afetuoso que será auxiliar do processo de educar, no qual estão inseridos os conhecimentos a serem construídos por meio das atividades que são propostas e, ainda, ensinamentos para a vida, para a formação do sujeito.

A Boneca Emília explica que sua escolha aconteceu devido ao “desejo de ensinar e à gratidão por ver os olhos brilhando com o aprendizado conquistado”. Dona Benta diz o seguinte: “escolhi esta profissão por acreditar que o futuro está na educação e principalmente na criança”.

Com estas respostas, podemos perceber que as educadoras sentem-se realizadas na profissão cuja escolha deu-se por amor às crianças e por quererem ser participativas na formação desses sujeitos, acompanhando suas descobertas, suas indagações, seus avanços, suas conquistas. Ser professor, antes de ser profissão, no caso da Educação Infantil, é um encontro com o universo imaginário e fantástico dos alunos e da própria criança que em nós habita.

Freire (1987), na obra *Pedagogia do Oprimido*, aponta que “a conquista implícita no diálogo é a do mundo pelos sujeitos dialógicos, não a de um pelo outro. Conquista do mundo pela libertação dos homens. Não há diálogo, porém, se não há um profundo amor ao mundo e aos homens” (FREIRE, 1987, p. 79). Esse “profundo amor” é fundamental para exercer a docência com excelência, pois ele faz com que os obstáculos sejam superados e as

dificuldades encontradas não afetem o desenvolvimento do seu trabalho. Ser professor é mais que uma escolha a ser exercido com alegria e satisfação, pois não busca os próprios interesses, mas sim doar-se para possibilitar o melhor aos seus alunos por amor à profissão.

Notamos que a escolha para ser professor, pelos motivos anteriormente explicitados, influencia diretamente nas práticas do cotidiano. Apontando que a literatura infantil é trabalhada nos projetos partindo como “incentivo ou como complemento” para realização das atividades, é evidente que essas educadoras têm amor por seu trabalho, buscando sempre, com a contação de histórias, possibilitar que os alunos aprendam de maneira lúdica e prazerosa.

Ao serem indagadas se utilizam literatura infantil nos projetos, em que contextos é aplicada e como se realiza a contação, Quindim diz “acredito que na educação infantil, respiramos histórias. Ela nos auxilia através do lúdico, tornando tudo animado e divertido.”, enquanto Boneca Emília relata o seguinte:

“utilizo sempre, pois percebo que as crianças se envolvem nas histórias. Aplico de duas maneiras, como recurso para alguma atividade específica ou para ser o norteador do aprendizado. A contação acontece como leitura, ou com fantoches, ou com o que a imaginação permitir”.

Assim como a autora Fanny Abramovich (1997, p. 24) nos diz que a contação de histórias é um momento de “encantamento, maravilhamento, sedução”, necessitamos possibilitar que haja esse “maravilhamento” que a contação de literatura infantil desperta em seus ouvintes. Além disso, o momento de contação de histórias é fundamental para ensinar as crianças a desenvolverem-se em diferentes aspectos, conforme aponta Ramos (2010, p. 89): “ouvir histórias com frequência ajuda a criança a controlar sua atenção, a desenvolver a linguagem oral e a ampliar suas experiências e o seu conhecimento de si e do mundo”. Portanto, a contação de histórias é de grande relevância para o desenvolvimento dos projetos no cotidiano da Educação Infantil, pois auxilia no processo de ampliação das experiências que são abordadas no projeto e, com ludicidade e encantamento, forma o sujeito.

Quando questionadas, as educadoras apontaram diversos instrumentos utilizados em suas práticas de contação de histórias, como fantoches, instrumentos musicais, dedoches, brinquedos, entre outros. Nessas respostas, também percebemos que as educadoras buscam aprimorar/enriquecer as contações com instrumentalizações que auxiliem na compreensão dos alunos e no estímulo para estarem atentos ao que sucederá no decorrer da história, por apresentar matérias diferentes.

Ao serem questionadas se consideram importante a presença da literatura infantil para desenvolver um projeto, destaco algumas das repostas mais relevantes no quadro a seguir.

Quadro 2 – Importância da literatura infantil em projetos escolares

Professoras	Respostas com justificativa
Narizinho	<i>“A presença da literatura infantil é fundamental para despertar o interesse e tornar o processo mais prazeroso”.</i>
Rabicó	<i>“Acredito que através do mundo dos livros a criança pode despertar a sua imaginação e curiosidade”.</i>
Tia Nastácia	<i>“Enriquece o projeto a ser trabalhado e toda criança adora histórias”.</i>
Boneca Emília	<i>“Aproxima a criança do aprendizado lúdico”.</i>
Dona Benta	<i>“A base do pensamento é a linguagem e a literatura fornece a infância alimentos primordiais para seu desenvolvimento: palavras significantes e imaginação. A leitura de textos de literatura infantil, mesmo para crianças ainda não alfabetizadas, é um caminho que leva a criança a desenvolver a imaginação, emoções e sentimentos de forma prazerosa e significativa”.</i>
Visconde de Sabugosa	<i>“Sim. Auxilia muito o aprendizado, chama a atenção para o assunto, desperta o interesse, estimula a linguagem, a atenção.”</i>
Tio Barnabé	<i>“As histórias permitem à criança vivenciar o faz de conta, relacionar a vida dos personagens com seu cotidiano, conhecer lugares e divertir-se”.</i>
Burro Falante	<i>“Não só para desenvolver um projeto, mas sim em todo âmbito escolar. A literatura faz a diferença na linguagem, né, expressão e na intelectualidade do indivíduo e acredito ser importante esta estimulação desde cedo”.</i>

A autora Nelly Novaes Coelho (2000, p. 29) nos faz refletir acerca da literatura infantil em sua totalidade quando afirma que “para além do prazer/emoção estéticos, a literatura contemporânea visa alertar ou transformar a consciência crítica de seu leitor/receptor”, ou seja, a literatura infantil é fundamental, pois, além de desenvolver a imaginação, proporciona que a criança torne-se crítica e forme-se sujeito ativo na sociedade, sendo capaz de refletir e questionar as informações e tudo o que lhe é dito, tendo argumentação para defender seu ponto de vista e, também, para fazer autocrítica.

As repostas das educadoras nos mostram como a literatura infantil é importante para planejamento do projeto pedagógico, pois será a base das atividades e, conseqüentemente, dos aprendizados a serem construídos. A literatura infantil será auxiliadora na compreensão e assimilação das crianças em relação às atividades que se realizarão. Dessa maneira, é primordial que as docentes busquem planejar as atividades tendo uma obra que acompanhe a construção das aprendizagens e, assim, além de favorecer a compreensão dos alunos e os conhecimentos adquiridos, já sejam um estímulo para a criança encantar-se pelo mundo das histórias e adquirir o hábito da leitura que a acompanhará pela vida.

Sabemos da necessidade e da importância da formação e da busca da formação continuada, principalmente quando falamos em educação. Ao serem questionadas sobre

participarem de cursos de literatura infantil e contação de histórias, dezesseis educadoras afirmaram já terem participado, e quatro não.

Quando indagadas sobre suas formações, se consideravam que oportunizaram momentos de aprendizagem para trabalhar com literatura infantil em suas práticas pedagógicas, 15 educadoras apontaram que sim, sendo que algumas complementaram, afirmando a importância da busca por aprimoramento; 1 afirmou não ter sido suficiente e 4 enfatizaram buscar a formação continuada. Saci Pererê afirmou o seguinte: “acredito que não foi o suficiente. Nesta profissão é necessário que busquemos nos atualizar a todo o momento”, enquanto Cuca diz que “sim, talvez não diretamente. Mas o professor deve sempre buscar aperfeiçoamento para aprimorar seu trabalho em sala de aula” e Pedrinho afirma acreditar “[...] que na prática diária sempre aprendemos algo, mas para ir mais a fundo nas práticas é bom ter um aprimoramento maior”.

Constatamos que, no momento que escolhemos sermos professoras, é importante estar a todo o instante buscando mais: saber mais, conhecer mais, planejar mais. A formação continuada é primordial para que o docente tenha conhecimento do que o cerca e, principalmente, do que faz parte da vida dos alunos. O professor que investiga novas obras, encontra novos instrumentos que poderão ser utilizados em suas práticas de contação de histórias de maneira que mais crianças sejam cativadas pelo universo da fantasia, tornando os livros aliados na busca por conhecimentos e, principalmente, na constituição do eu.

Nesse sentido, Paulo Freire (2000, p. 53-54) sempre nos inspira a lutar por melhorias na educação, como no excerto a seguir:

A transformação do mundo necessita tanto do sonho quanto a indispensável autenticidade deste depende da lealdade de quem sonha as condições históricas, materiais, aos níveis de desenvolvimento tecnológico, científico do contexto do sonhador. Os sonhos são projetos pelos quais se luta. Sua realização não se verifica facilmente, sem obstáculos. Implica, pelo contrário, avanços, recuos, marchas às vezes demoradas. Implica luta. (FREIRE, 2000, p. 53-54).

Dessa maneira, após a graduação, é importante continuar buscando o aperfeiçoamento e manter metas que estejam de acordo com o que acreditamos como profissionais da Educação. Ser professor não é apenas estar à frente de uma turma, possibilitando espaços de construção de aprendizagens significativas. Esse é um passo. Ser professor é buscar a mudança capaz de melhorar e ampliar as oportunidades de ensino e aprendizagens que começam pela nossa procura por mais conhecimentos, por meio da formação continuada, e

também pela busca de transformação do mundo para que todos os alunos tenham oportunidades de crescer como cidadãos de deveres e direitos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A elaboração desta monografia, permitiu uma reflexão e análise sobre minha trajetória na graduação e assim na minha formação como profissional que contribuem diretamente para minha formação enquanto sujeito, em todos os aspectos da minha vida. A graduação expandiu meus conhecimentos e me capacitou a estar mais apta a desenvolver a docência com mais competência.

Ao longo deste estudo, conhecimentos e reflexões surgiram sobre a importância da formação do professor, da presença da literatura infantil e da prática da contação de histórias no cotidiano da Educação Infantil, as quais contribuíram para finalização do mesmo. Os conhecimentos construídos foram oportunizados pelas inúmeras leituras de obras de grandes autores que se fazem presentes nas referências. As reflexões aconteceram desde o momento de escolha do tema, com a análise dos questionários, permanecendo e acompanhando outros momentos de reflexões acerca da minha prática como professora.

A Educação Infantil, que foi o contexto analisado neste trabalho, como apontado por uma das educadoras nos questionários, é a base para a educação. Quem trabalha com crianças conhece a grandeza e notória importância da atuação nessa fase do desenvolvimento humano cativante e muito desafiadora. As descobertas que os professores podem acompanhar nesse período da infância dos alunos, sendo mediadores desse processo e fazendo parte de seus desenvolvimento, permitem que vejam os reflexos do seu trabalho. Nisso, percebemos como o amor é fundamental, pois tudo que fazemos com amor deixa marcas positivas que serão motivadoras do crescimento e da formação dos nossos alunos como sujeitos críticos e ativos na sociedade. Os professores são responsáveis por oportunizar atividades que, com ludicidade, contribuam para a constituição das crianças.

A formação dos professores é de suma relevância neste processo, pois ela auxilia na busca por aperfeiçoamento das metodologias e na busca por recursos que sejam construtores dos saberes das crianças. A formação é o início. Afinal, sabemos que, sendo professores, é necessário ir além, continuando diariamente a busca por meio da pesquisa e da observação, permeadas pela reflexão e sensibilidade, que permite conhecer a realidade dos alunos, a fim de contribuir com a sua aprendizagem.

Essa formação que impulsiona ir além, a buscar inúmeras possibilidades de ensino e aprendizagens, apresenta caminhos para serem desenvolvidas práticas de contação de histórias de literatura infantil no cotidiano da Educação Infantil de maneira a oportunizar aprendizagens que estimulem o intelectual e possibilitem sentido na vida do aluno.

Escutar uma história que nos desperta sensações e emoções, que permite fazer uma viagem por tempos e espaços distintos, possibilitando encontrar no universo fantástico resoluções de problemas presentes no mundo real, é motivo de apreciação. Os professores são responsáveis por oportunizar esses momentos para seus alunos, com o uso da ludicidade nas contações de histórias para ensinar a compreender as emoções, a buscar soluções para os problemas, pois, em alguns casos, esses estudantes têm essa oportunidade apenas na Educação Infantil.

A prática de contação de histórias deve ser contemplada diariamente, provocando o interesse pelos livros e despertando a criatividade e a imaginação, sendo cativadas mesmo quando ainda as crianças não são alfabetizadas para o mundo da leitura. Quando chegarem a esse momento, terão os livros como aliados do processo de construção de aprendizagens e também como divertimento, como um meio para o autoconhecimento.

O universo da literatura infantil trabalha com tudo isso e possibilita que, desde os primeiros anos, as crianças aprendam com as histórias que há diversas situações que se colocarão diante delas e que a busca por respostas, por resoluções, é missão delas próprias. Mesmo diante de dificuldades, com os dragões, com as bruxas, com os gigantes malvados que aparecerem em seus percursos de vida, sempre haverá um “felizes para sempre” capaz de fazer todo o caminho valer a pena.

Durante a investigação que realizamos para a construção desta monografia, com a análise dos documentos da instituição (Regimento Escolar e Projeto Político Pedagógico), notamos que não há menção à literatura infantil e à prática de contação de histórias ou maior ênfase na formação inicial e continuada dos professores. Dessa maneira, é necessário que haja maior valorização da literatura infantil e da prática de contação de histórias no cotidiano da Educação Infantil, colocando-as como essenciais para o processo de ensino e aprendizagem.

A formação dos professores também merece ser mais incentivada, de maneira que se compreenda a importância de buscar o aperfeiçoamento profissional. Assim, poder-se-á ser oportunizado um ambiente que, desde os primeiros anos de vida das crianças, a partir das práticas usadas, se possibilite a construção de aprendizagens para além do ambiente escolar.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil:** gostosuras e bobices. São Paulo: Spcipione, 1997.
- AGUIAR, Vera Teixeira; BORDINI, Maria da Glória. **Literatura:** a formação do leitor: alternativas metodológicas. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.
- BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito de leitura.** 7. ed. São Paulo: Cultrix, 2000.
- BOFF, Daiane Scopell. Planejamento: ferramenta de mediação entre teoria e prática. In: BOFF, Daiane Scopel (Org.); VERGANI, Flávia Melice (Coord.). **Avaliação e planejamento.** Caxias do Sul. Secretaria Municipal da Educação, 2011
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil.** Brasília: MEC, SEB, 2010.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica.** Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013. Disponível em: < <http://portal.mec.gov.br/docman/julho-2013-pdf/13677-diretrizes-educacao-basica-2013-pdf/file> >. Acesso em: 19 set. 2018.
- CHARLOT, Bernard. **A mistificação pedagógica.** Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria, análise, didática.** São Paulo: Moderna, 2000.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação:** cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: UNESP, 2000.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 17.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra Ltda, 1987
- HEYWOOD, Colin. **Uma história da infância:** da idade média a época contemporânea no ocidente. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazio Afonso de. **Pesquisa em educação:** abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.
- MACHADO, Ana Maria. **Como e por que ler os clássicos universais desde cedo.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.
- RAMOS, Flávia Brocchetto. **Literatura infantil:** de ponto a ponto. Curitiba: Editora CRV, 2010.
- RICHTER, Dieter. Til eulenspiegel - der asoziale Held und die Erzieher. **Kindermedien. Ästhetik und kommunikation,** Berlim, v.8, n. 27, p. 27-49, abril de 1977.
- STEARNS, Peter N. **A infância.** São Paulo: Contexto, 2006

Universidade Federal de Minas Gerais et al. **Literatura na educação infantil**: acervos, espaços e mediações. [S.l.]: UFMG, 2014. Disponível em : < http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=36771-seminario-ebook-versao-impressao-pdf&category_slug=marco-2016-pdf&Itemid=30192 >. Acesso em: 16 out. 2018.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Construção do conhecimento em sala de aula**. 14. ed. São Paulo: Libertad, 2002.

YIN, Robert K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. 5. ed. São Paulo: Bookman, 2015.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. 11. ed. rev., atual. e ampl. São Paulo: Global, 2003.

**APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO –
PROFESSORAS E PROFESSORES**

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para Trabalho de Conclusão de Curso
do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade de Caxias do Sul – UCS

**PESQUISA: “LITERATURA INFANTIL E A PRÁTICA DA CONTAÇÃO DE
HISTÓRIAS NO COTIDIANO DA EDUCAÇÃO INFANTIL ”**

NOME DA ACADÊMICA: Milena Aleknovic

NATUREZA DA PESQUISA: Você XXXXX está sendo convidado(a) a participar desta pesquisa que visa Investigar e analisar qual o papel da literatura na formação de professores e suas contribuições na prática docente no cotidiano de educação infantil, sendo que o seu nome não será divulgado.

PARTICIPANTES DA PESQUISA: Participarão desta pesquisa educadoras infantis.

ENVOLVIMENTO NA PESQUISA: Serão analisados documentos: Projeto Político Pedagógico e Regimento escolar.

Destacando que em momento algum, estas pessoas serão identificadas nessa pesquisa. **Você tem a liberdade de se recusar a participar. Sem nenhum prejuízo ou consequência relacionada a você. Também poderá desistir de participar a qualquer momento de sua participação.** No entanto, solicito sua colaboração para que eu possa compreender essa realidade e produzir o Trabalho de Conclusão de Curso, com intuito de contribuir para o conhecimento científico e retornar essas informações a Instituição Escolar e a você sempre primando pela ética em pesquisa. Se você quiser mais informações sobre este estudo pode entrar em contato diretamente com a acadêmica Milena Aleknovic pelo telefone (54) 991699393 ou pelo e-mail maleknovic@ucs.br

SOBRE A ENTREVISTA: Serão solicitadas informações por meio de questionário com questões estruturadas.

RISCOS E DESCONFORTO: a participação nesta pesquisa não traz complicações legais de nenhuma ordem e os procedimentos utilizados obedecem aos critérios da Ética na Pesquisa com Seres Humanos conforme a Resolução do Conselho Nacional de Saúde - CNS 510/2016. Nenhum dos procedimentos utilizados oferece riscos à dignidade da Instituição Escolar e nem mesmo aos seus participantes.

SIGILO: Todas as informações coletadas nesta investigação são estritamente sigilosas e assim serão tratadas. Acima de tudo interessam os dados coletivos e não aspectos particulares de cada respondente e estarei primando por isso.

BENEFÍCIOS: Ao participar desta pesquisa, você não terá nenhum benefício direto. Entretanto, espero que futuramente os resultados deste estudo sejam usados em benefício da educação infantil, pois os resultados da pesquisa serão apresentados para a Instituição Escolar e para você. Bem como para outras pessoas que se interessem pelo estudo, por meio de publicações científicas

PAGAMENTO: Você não terá nenhum tipo de despesa por participar deste estudo, bem como não receberá nenhum tipo de pagamento por sua participação. Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para que participe desta pesquisa.

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Tendo em vista os itens acima apresentados, você de forma livre e esclarecida, concorda em participar desta pesquisa?

Consinto em participar deste estudo. - Sim () Não ()

Escreva seu nome (somente eu terei conhecimento de quem é você e terei acesso às respostas tabuladas no grande grupo, me comprometendo com o sigilo)

Caxias do Sul, ____/____/ 2018.

Assinatura da acadêmica – MILENA ALEKNOVIC - Setembro de 2018.

Agradeço a sua autorização e coloco-me à disposição para esclarecimentos adicionais.

Trabalho Orientado pela Profa. Dra. Andréia Morés (UCS)

ANEXO A - CARTA DE ANUÊNCIA

CARTA DE ANUÊNCIA

Aceito a acadêmica Milena Aleknovic do Curso de Licenciatura em Pedagogia, a realizar a pesquisa intitulada “Literatura infantil e a contação de histórias no cotidiano da educação infantil”, sob orientação da Profa. Dra. Andréia Morés, da Universidade de Caxias do Sul – UCS

- A presente pesquisa tem como Objetivo Geral: Investigar e analisar qual o papel da literatura na formação de professores e suas contribuições na prática docente no cotidiano de educação infantil e Objetivos Específicos Mapear a presença da literatura infantil nos documentos institucionais (Regimento Escolar e Projeto Pedagógico);
- Refletir sobre a importância da ludicidade na contação de histórias para estimular a criatividade e a imaginação;
- Incentivar a literatura e a contação de história para a construção de novos saberes e conhecimentos.

Para o desenvolvimento desta pesquisa será utilizada a Metodologia Qualitativa com ênfase no Estudo de Caso, embasa nos autores Menga Ludke e Marli André (1986).

Ciente dos objetivos e da metodologia da pesquisa acima citada, conforme consta no Projeto de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), concedo a anuência para seu desenvolvimento, desde que me sejam assegurados os requisitos abaixo:

- O cumprimento das determinações éticas do CNS/CONEP, Resolução N°510, de 07 de abril de 2016.
- A garantia de solicitar e receber esclarecimentos antes, durante e depois do desenvolvimento da pesquisa.
- Não haverá nenhuma despesa para esta instituição que seja decorrente da participação dessa pesquisa.
- No caso do não cumprimento dos itens acima, a liberdade de retirar minha anuência a qualquer momento da pesquisa sem penalização alguma.

Caxias do Sul, 5 de Setembro de 2018.

Assinatura e carimbo do responsável pela Instituição Escolar